

**NOVE  
AMANHÃS**





*Nove Amanhãs:*

histórias de ficção científica e especulativa

02/2020, ano 1, número 1

ISSN:

A revista *Nove Amanhãs* é uma iniciativa do curso Além das Fronteiras da Ficção Científica, da professora doutora Valéria Sabrina Pereira, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

### **Expediente**

#### **Corpo editorial:**

Camila Lanhoso, Cochise César, Flávia Denise de Magalhães,  
Luciano M. Duarte Júnior, Maria Silvia Duarte e Valéria Sabrina Pereira

#### **Autores:**

Augusto Franco, Chico Milla, Daniel Murta, Ewerton Martins Ribeiro, Michel Peres,  
Raquel Figueiredo Roza, Renata Ferri, Rodrigo Assis Mesquita e Zacarias Silva

#### **Logotipo:**

Letícia Santana Gomes

#### **Capa:**

Thamiris Rezende

#### **Projeto gráfico:**

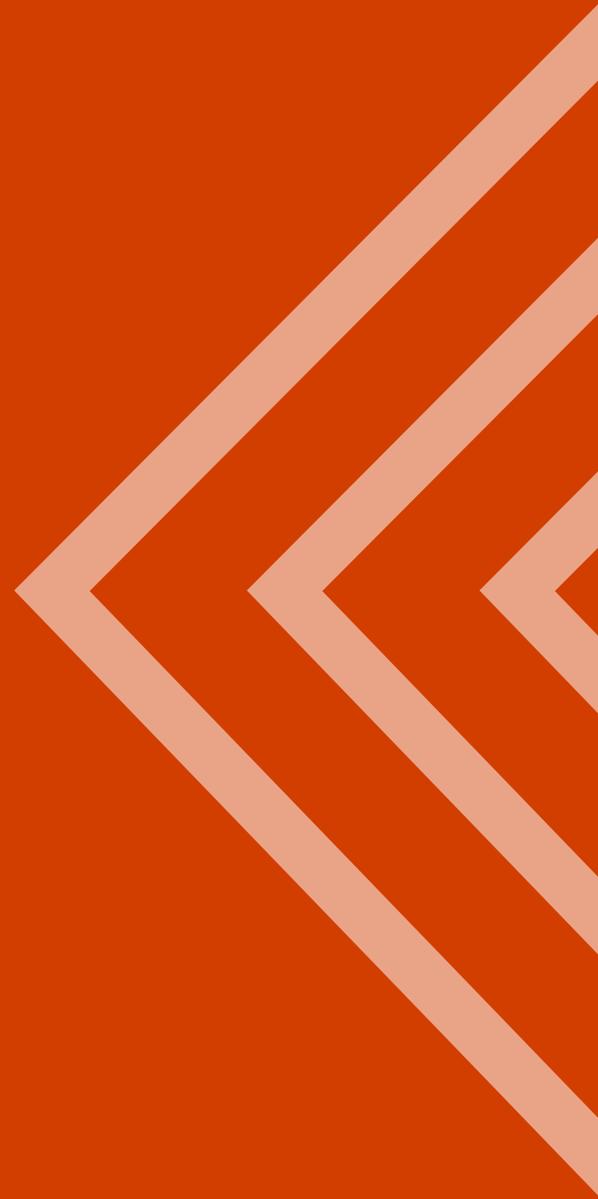
Anastase Kyriakos

Av. Afonso Pena, 3.130, sala 305 - Funcionários

Belo Horizonte - MG | CEP: 30130-012

[www.noveamanhas.com.br](http://www.noveamanhas.com.br)

[noveamanhas@gmail.com](mailto:noveamanhas@gmail.com)



<b>7</b>	<b>NOVE AMANHÃS PARA ENTENDER ● HOJE</b>
<b>13</b>	<b>A ARCA</b>
<b>25</b>	<b>DIAS SECOS</b>
<b>33</b>	<b>SEGUNDA REVISÃO DOS JULGAMENTOS OPORTUNOS PELA CORREGEDORIA – ANEXO B</b>
<b>39</b>	<b>ASAS REMOTAS</b>
<b>45</b>	<b>● HOMEM DA LUA</b>
<b>51</b>	<b>HIPERMETROPIA</b>
<b>59</b>	<b>A7021</b>
<b>67</b>	<b>OS FILHOS DOS HOMENS</b>
<b>81</b>	<b>CAMPO</b>

# Sumário



## Nove amanhã para entender o hoje

A *Nove Amanhãs* nasceu de um oportuno encontro na sala de aula. Durante o curso Além das fronteiras da ficção científica, oferecido pela professora doutora Valéria Sabrina Pereira dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, a construção histórica da ficção científica, suas principais obras, as constantes e mal-sucedidas tentativas de definição e as características peculiares do campo editorial existente em torno da ficção científica foram debatidas pela turma, composta por Camila Lanhoso, Cochise César, Flávia Denise de Magalhães, Luciano M. Duarte Júnior e Maria Silvia Duarte.

Ficção científica é difícil de se conceituar por vários motivos. É chamada de “literatura de gênero”, sendo assim incluída no mesmo grupo de faroeste, policial e mistério. Porém, não tem as características típicas de “literatura de gênero” uma vez que não há uma estrutura que sempre se repete. Pelo contrário, uma história de ficção científica pode ser aventura, faroeste (espacial), romance, terror, utopia ou distopia, entre outros. Como definir o que é e o que não é a ficção científica? A história deve ter avanços tecnológicos? Se a resposta para essa pergunta for “sim”, todo livro que menciona o uso do computador ou do celular deveria ser considerado ficção científica. “Não!” – o leitor poderia dizer – “Tem que ser ficção científica, com coisas que ainda não existem no momento da publicação do livro”. A colocação seria pertinente, mas, ainda assim, como seria possível traçar o limite entre o que já existe e o que não existe numa época de acelerados avanços da ciência? Temos inteligência artificial, próteses robóticas, robôs que realizam tarefas domésticas e nos preparamos para uma empreitada espacial que inclui a chegada do homem em Marte. Esses temas passam a ser proibidos na ficção científica?

A discussão não acaba aí. Há a questão da relevância da ficção científica na trama. O ganhador do prêmio Nobel de Literatura 2017, Kazuo Ishiguro, se viu no centro de um debate similar ao esboçado acima na época da publicação do romance *Não me abandone jamais*. Os protagonistas morrem ainda jovens e têm vidas marcadas pelo fato de que são clones, criados para terem seus órgãos

retirados – mas, ainda assim, humanos. Variações da palavra “clonagem”, no entanto, são citada duas vezes em todo o livro e não há qualquer explicação sobre o método usado. Assim, fica a pergunta: Se o foco do livro são os sentimentos humanos e as relações entre os protagonistas, a mera citação da palavra “clone” é suficiente para categorizar o livro como ficção científica?

Com o desenvolvimento do curso, rapidamente ficou claro que a questão de conceituar o que é, exatamente, ficção científica é o equivalente a entrar num buraco negro: a cada centímetro que nos aproximávamos de um suposto conceito, mais atraídos ficávamos por ele e menos luz havia para enxergarmos. Ao fim do curso, o conceito de ficção científica segue tão misterioso quanto o interior de um buraco negro. No entanto, nem toda investigação precisa ser teórica.

Procurando ampliar nossa compreensão do que é ficção científica, começamos o processo de criação desta revista. Para abrir a chamada de textos, precisávamos resolver a questão dos nossos critérios de seleção, que precisavam incluir alguma definição do que é a ficção científica por mais difícil que fosse a tarefa. Encontramos algumas soluções – ao menos temporárias – para possibilitar uma seleção que ao menos pretendesse ser transparente e justa. Assim, incluímos no chamado, citado abaixo, uma explicação, por mais que insatisfatória, do que consideraríamos ficção científica em nossa avaliação:

Segundo Adam Roberts, ainda que muitos de nós possamos facilmente distinguir uma obra de ficção científica daquilo que ela não é, trata-se de um gênero de difícil definição. “Qualquer livraria terá uma seção dedicada à ficção científica: prateleiras com volumes de cores brilhantes, com capas ilustradas com pinturas fotorrealistas de complexas naves espaciais, ou de homens e mulheres em cidades futuristas ou cenários alienígenas” (ROBERTS, 2000, p. 1). Para o crítico, então, a ficção científica parece englobar uma categoria de textos que reproduz um determinado discurso, no caso, o científico, e que também explora as múltiplas possibilidades da ciência, sendo que muitas das tecnologias descritas pelos autores do gênero não existem nem podem existir no mundo real. É o caso do romance “A máquina do tempo” (1895), de H. G. Wells, no qual o personagem é capaz de viajar ao século LXXX, e de muitos romances que descrevem viagens que ocorrem na velocidade da luz, possibilidade que a ciência atual nega. Nesse sentido, a ficção científica não necessariamente reproduz o discurso científico, mas se utiliza do método científico para criar narrativas em que elementos como naves espaciais, invasões alienígenas, viagens no tempo, utopias ou distopias futurísticas, história alternativas e robôs podem ser combinados.

Querendo ampliar a gama de histórias que poderiam ser inscritas, incluímos também a possibilidade da história ser enquadrada na ficção especulativa:

Num processo constante de globalização, em que tradições e formas de fazer são rompidas a cada lançamento tecnológico, a ficção especulativa pode ser compreendida como uma reação humana, que usa a imaginação para vislumbrar futuros possíveis – amanhã possíveis. Segundo Marek Oziewicz, que escreve o verbete da ficção especulativa no Oxford Research Encyclopedia, a “ficção especulativa em seu entendimento mais recente é uma super categoria difusa que abriga todos os gêneros não miméticos – aqueles que, de uma maneira ou de outra, se afastam da imitação

da realidade de consenso – da fantasia, ficção científica e horror a seus derivados, híbridos e gêneros cognatos, incluindo ficção gótica, distopia, zumbi, vampiro e pós-apocalíptico, histórias de fantasmas, ficção estranha, contos de super-heróis, história alternativa, steampunk, slipstream, realismo mágico, contos de fadas recontados ou fraturados e muito mais”.

A segunda solução foi incluir em nosso processo de seleção o conceito de novum, desenvolvido por Darko Suvin:

O acadêmico Darko Suvin, em sua obra “Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre”, escrita em 1979, considera a Ficção Científica como gênero literário. Na tentativa de estabelecer parâmetros e delimitar o formato desse gênero, o autor criou o conceito novum. Extraído do latim, o termo significa “coisa nova”, isto é, a construção ficcional de um mundo diferente do autor no momento em que ele escreve. A narrativa literária apresenta artefatos ou objetos inteiramente novos e distintos, causando um estranhamento, no sentido de o leitor se distanciar do que é familiar e se aproximar do que é estranho. De modo geral, novum significa a ficcionalização das possibilidades científicas no contexto em que o autor está inserido, devendo considerar o impacto do novum na cultura e na sociedade. É a partir da força desse impacto que faremos a avaliação.

A esses critérios incluímos um terceiro, para que pudéssemos avaliar também a qualidade da escrita:

A “qualidade” da escrita das obras analisadas será avaliada a partir dos critérios de ortografia, pontuação, coerência textual e discursiva, inovação da linguagem (caso se aplique) e adequação ao gênero proposto (conto). Dito isso, é de inteira responsabilidade dos(as) respectivos(as) autores(as) a revisão ortográfica e gramatical do texto a ser apresentado, assim como o cumprimento dos critérios acima listados.

A avaliação dos 32 textos inscritos foi feita a partir desses critérios, com a atribuição de uma nota de 1 a 5 para cada critério – importante explicar que cada história foi considerada como ficção científica ou especulativa – somando um total máximo de 15 pontos por texto. A partir desse processo foram selecionadas nove histórias (honrando uma tradição de livros com esse número de contos, como o homônimo *Nove amanhã*s, de Isaac Asimov, ou *Nove histórias*, de J. D. Salinger). Elas são: “A7021”, de Raquel Figueiredo Roza; “A arca”, de Augusto Franco; “Asas remotas”, de Renata Ferri; “Campo”, de Zak Silva; “Dias secos”, de Ewerton Martins Ribeiro; “Hipermetropia”, de Francisco Conrado de Lima Alves; “O homem da lua”, de Daniel Murta; “Os filhos dos homens”, de Michel Peres; e “Segunda revisão dos julgamentos oportunos pela Corregedoria – Anexo B”, de Rodrigo Assis Mesquita.

A ficção científica se debruça sobre o amanhã, sobre possibilidades, prováveis ou não – não importa; desde que sejam, de algum modo, possíveis. Isso não é o mesmo que ser um oráculo. Quem explora possibilidades possíveis eventualmente acerta, mas também erra muitas vezes. Inclusive, bolas de cristal, tarô e astrologia não são muito bem-vindos. A escolha de nove amanhãs para esta edição não se preocupou se cada um desses futuros podia se materializar, mas se esses amanhãs

dizem algo importante sobre hoje. A “relevância do novum” como critério vai no sentido da definição de Darko Suvin de que a ficção científica se relaciona com nosso mundo e fala sobre ele. Ao se diferenciar através de um novum, a história cria um contraste que permite que olhemos para nós mesmos com novos olhos.

Nesse sentido, é importante que, ao observar os nove amanhã reunidos aqui, nos perguntemos o que eles dizem de nosso hoje. São visões otimistas e idílicas, carregadas de esperança de um mundo melhor? Visões pessimistas e apocalípticas, carregadas de terror por nosso futuro? Qual é o papel da ciência neste futuro? Os robôs vão nos salvar ou nos substituir? É ferramenta de nossa salvação ou destruição? Ambos, em uma ambivalência entre apocalipse e pós-apocalipse?

Aliás, o que o perfil dos autores revela sobre essas especulações de amanhã? A ficção científica continua sendo reduto de homens, brancos com curso superior? São apenas as suas visões que encontram espaço nas páginas da revista?

Em parte sim, e ainda, já que este é um problema velho do gênero. Mas também fica claro que o processo de seleção aprofunda a masculinização e embranquecimento da revista. Quase 30% das inscrições foram de mulheres, mas elas são apenas 22% dos selecionados. Mais de 30% dos inscritos foram de não brancos, mas estes são apenas 22% dos selecionados. Uma seleção impessoal, como a que foi feita, pode também ser lida como injusta, uma vez que parece reproduzir os mecanismos de exclusão da diversidade em nossa sociedade. No caminho inverso, 23% dos inscritos são autores inéditos, mas dentre os selecionados aumenta para 33%. Curiosamente, os dois autores não brancos que passaram pelo processo de seleção estão entre os três que nunca foram publicados. No entanto, a característica que nosso processo de seleção mais acentuou foi outra: o bairrismo. 46% dos inscritos são da Região Metropolitana de Belo Horizonte, RMBH. Algo esperado para uma revista discente de uma universidade em Belo Horizonte e com poucos recursos para divulgação. Mas entre os selecionados a região salta para 77%.

Então, aviso aos leitores, os amanhã aqui são essencialmente da capital de Minas Gerais, ainda eminentemente masculinos e brancos, só com dois autores em cada uma destas demografias que escapam ao padrão. Curiosamente, e a matemática é engraçada, isto nos leva a cinco dos nove autores nas categorias minoritárias, ou 55% de “diversidade”, o que poderíamos usar para justificar um discurso triunfante ou dizer que não é preciso repensar um futuro edital. Mas só se fosse a má-fé disfarçada de apreço à matemática que nos movesse.

Ainda assim, analisando o conteúdo selecionado, vemos que há tentativas de representatividade. Sem a intenção de fazer uma análise exaustiva sobre tema, observamos que a maioria dos casais é homossexual. Além disso, a questão da opressão de povos minoritários pelos poderosos é tema recorrente neste conjunto de histórias de ficção científica.

Antes de seguirmos para a leitura dos textos, aproveitamos o momento para explicitar nossa avaliação de cada um dos selecionados.

No conto “A arca”, de Augusto Franco, a história se passa em um futuro próximo na cidade de Belo Horizonte, que se encontra em submersão devido ao

aumento do nível do mar. A narrativa é sobre um experimento científico em um ambiente de crise climática, ocasionada pela manipulação de uma bactéria capaz de consumir derivados de petróleo. A obra mistura elementos da ficção especulativa e da distopia. O que torna a história mais interessante ainda é o pano de fundo paradoxal em que a personagem se encontra. De um lado, a cidade dominada pelo fundamentalismo neopentecostal e, de outro, a luta pela sobrevivência do personagem, que constrói um barco que ele chama de “arca”, em alusão à narrativa bíblica “Gênesis” sobre o dilúvio de 40 dias vivido por Noé.

Ewerton Martins Ribeiro inicia o conto “Dias secos” com uma citação de Confúcio sobre a virtude que descreve o comportamento do protagonista anônimo durante os dias de um apocalipse em que a água desapareceu. O cenário apocalíptico é um novum comum da ficção científica, apesar de a falta de explicações sobre sua causa talvez irrite o leitor – a ciência usada não é das físicas ou naturais, que poderiam explicar o fenômeno. O protagonista é capaz de analisar friamente sua realidade e reduzir vidas a oportunidades de crescimento, em um pensamento utilitarista comum na Administração e Economia. Ele abraça a possibilidade de se tornar um “homem de sucesso” e cospe, em seus auto-elogios, clichês de auto-ajuda e “sabedoria oriental” vendida em livros-para-executivos. Reduz seres humanos e a própria situação apocalíptica a um plano de ação empresarial. Pensa em si e nos outros em termos de sucesso e fracasso, mas não moral.

O conto “Segunda revisão dos julgamentos oportunos pela Corregedoria – Anexo B”, de Rodrigo Assis Mesquita, é uma narrativa de tom kafkiano, na qual a personagem se vê encurralada pelo poder da burocracia governamental. O novum está no modo pelo qual o texto se desenvolve, uma conversa de mensagem por celular, a partir da qual se desenvolve um julgamento, e o motivo pelo qual a ré está sendo condenada nunca fica realmente claro. No texto, a máquina do Estado aparece hostil, e a condenação da personagem é justificada pelo desejo de tornar os processos jurídicos mais práticos e rápidos.

“Asas Remotas”, de Renata Ferri, retrata um futuro pós-apocalíptico no qual os poucos sobreviventes de uma catástrofe ambiental – três quartos de nossa população original pereceu – precisam lidar com suas lembranças de um mundo que, agora, soa como extravagante para aqueles que nasceram após a chamada Grande Exaustão. A partir desse novum, a autora ironiza práticas como manipulação genética de alimentos, criação de aves em massa e produção de papel, estabelecendo uma crítica certa ao modo como temos lidado com a natureza ao longo dos séculos. Grilos, asinhas de frango, aparelhos celulares... tudo isso parece ter desaparecido, e as pessoas agora vivem isoladas nos pequenos perímetros que não foram devastados pelas grandes queimadas dos últimos anos. Um futuro não tão remoto assim.

O conto “O homem da lua”, de Daniel Murta, narra a história de um homem que trabalha em uma base lunar. O enredo se baseia no cotidiano de trabalho na manutenção externa da nave, apresentando as possibilidades científicas. A exploração mineral e predatória na Lua, as más condições de trabalho e a febre da busca por vidas extraterrestres são elementos que constroem o novum. O conto nos

traz uma reflexão sobre os limites e as possibilidades construídas pela mentalidade capitalista, sustentada pelo individualismo exacerbado.

No conto “Hipermetropia”, de Francisco Conrado de Lima Alves, encontramos uma invasão alienígena num ambiente mais íntimo do que o que aprendemos a esperar de histórias de ficção científica. O alien, por si só, faria com que o texto fosse enquadrado no primeiro critério, sobre a identificação com ficção científica ou especulativa. No entanto, há outros elementos que confirmam a observação, como a presença da androide babá, OB-79, que executa, com falhas humanas, as tarefas da casa. O relacionamento entre os dois também parece inverter a lógica do clássico “Robbie”, de Isaac Asimov. Aqui, o estranhamento fica por conta da criança e a humanidade com o robô – que também honra a obra de Asimov ao obedecer suas leis da robótica. Por fim, há a questão do novum. Apesar do fim da história, fica clara a vulnerabilidade dos humanos perante seres que fingem ser um de nós.

Por meio de um futuro pós-rebelião das máquinas, Raquel F. Roza, em “A7021”, descreve uma sociedade distópica baseada no constante trabalho forçado de sua população, agora submissa àqueles que haviam sido originalmente criados para nos servir. Uma adaptação dos abomináveis campos de concentração nos moldes da ficção científica. Em meio a tudo isso, acompanhamos não mais do que dois dias da vida da personagem que dá nome ao conto. Prestes a completar dezoito anos, ela agora terá que abandonar suas amigas na lavoura para trabalhar nas minas, ambiente sufocante e igualmente opressor. Acostumada a contar histórias para as outras garotas de seu dormitório, é ela também a responsável pela mudança de perspectiva que ocorre ao final da narrativa, mostrando que nem tudo é o que parece.

Em “Os filhos dos homens”, de Michel Peres, temos uma história profundamente humana que se passa em Marte. Temas típicos da ficção científica como exploração espacial, trabalho forçado no espaço, robôs e a questão da falta de limites da ganância humana, que é exacerbada no espaço estão presentes. É o novum, no entanto, a chave da história. Com a exploração espacial avançada, a humanidade já superou o primeiro momento de colonização em Marte e desenvolve múltiplas estações, com características culturais específicas. Aqui, a diversidade não é tomada como característica necessariamente positiva e as pressões típicas da vida fora da terra se traduzem em abuso de autoridade e experimentos desumanos.

Em “Campo”, de Zak Silva, o leitor depara-se com uma narrativa em tom melancólico, na qual o narrador, um robô, reflete sobre o seu passado. A memória, no entanto, lhe é falha, e ele não é capaz de se lembrar de certos pormenores, ainda que entenda os motivos que o levaram a fazer aquele tipo de trabalho: desmontar outros robôs. É explorado o tema do conflito entre máquinas e seres humanos, comum à obras de ficção científica, e o autor faz referência ao trabalho dos comandos especiais (Sonderkommando) nos campos de concentração, como evidenciado já pelo título do texto. O estranhamento se dá pelo tom melancólico do narrador, cujo lamento é essencialmente humano.

Boa leitura!



# A ARCA

**Augusto Franco** nasceu em 1980 em Belo Horizonte. É formado em jornalismo pela PUC Minas e foi repórter de cidades dos jornais *Tribuna do Cricaré* (São Mateus- ES) e *Hoje em Dia* (Belo Horizonte), e foi crítico gastronômico da revista *Veja BH*. Também foi colunista de gastronomia na revista *Encontro* (BH) e sub-editor de cidades no jornal *O Tempo* (BH). Atualmente é mestre cervejeiro e sócio da Cervejaria São Sebastião (Nova Lima) e escreve entre uma brassagem e outra.

**Q**uando o primeiro cação apareceu na Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte, chovia ininterruptamente há 48 dias. O Deus Me Deu, barco de madeira com capacidade para dois passageiros, revestido por tinta a óleo pintado em tiras vermelhas, verdes e brancas, passou a maior parte de sua vida sobre cascudos, tartarugas e jacarés. Vez por outra, Eustáquio, pipoqueiro de quinta a domingo no centro da cidade e pescador amador há 30 anos, puxava na linha um piau ou timboré. Mas era a primeira vez que um peixe de água salgada subia a bordo.

O exemplar de 4,6 kg era uma fêmea jovem. Coube ao departamento de Biologia da UFMG dar o laudo científico. O fenômeno, diziam os pesquisadores, era uma brincadeira de algum viajante voltando das férias em Cabo Frio ou Marataízes. Um fato isolado que não se repetiria. Mas repetiu-se.

Seis meses depois, quando os ataques de pequenos tubarões já haviam vitimado oito cidadãos da capital do Estado de Minas Gerais, localizada a 440 quilômetros da praia mais próxima, ficou claro que nada daquilo tinha graça. A mudança dizimou a população de jacarés, mudando permanentemente a ictiofauna do lago artificial, mas era tarde demais para qualquer alerta da prefeitura.

O sinal de internet saíra do ar há quase 40 dias, a energia elétrica era raridade, fruto de algum gerador que resistia. Os veículos estavam parados pelas ruas sem pneus ou isolamento entre o metal e o vidro. Os termômetros ainda em funcionamento, todos na escala Celsius, marcavam 5 graus negativos durante a noite, e não passavam dos 15 graus às 15h, hora mais quente do dia.

O mar avançava dia a dia morro acima. Rio de Janeiro, a baixada fluminense,

praticamente todo o estado do Espírito Santo e os estados do Sul já estavam sob a água. Os poucos que conseguiam escapar da fúria das ondas se jogaram na água dos rios que corriam no sentido reverso ao natural, empurrados por marés imprevisíveis, ou sucumbiram à hipotermia.

A bacia amazônica havia sido completamente inundada, assim como a do Prata e todo o ecossistema do Pantanal. Em menos de 60 dias a população da América Latina caíra pela metade com o fim de Buenos Aires, Caracas e da maioria das capitais dos estados brasileiros.

Uma semana antes da pescaria inusitada que o levou a buscar a Universidade, Eustáquio havia lido uma reportagem que chamou sua atenção. Foi a última que recortou das páginas do *Super*, tablóide que costumava ganhar no ponto de ônibus onde aguardava para ir ao trabalho.

Dizia o texto:

***Expedição no Pacífico identifica bactéria que decompõe plástico***

*Cientistas americanos, japoneses, chilenos e australianos isolam forma de vida capaz de digerir subprodutos de petróleo; ambientalistas celebram feito Da Redação (com agências)*

*Um grupo de cientistas conseguiu isolar uma bactéria capaz de digerir plástico, borracha e outros materiais derivados do petróleo. A descoberta foi comemorada por ambientalistas de diversas partes do mundo, e foi publicada na edição desta semana da revista Nature, uma das mais importantes publicações científicas no planeta. A novidade é tratada como uma possível solução para a redução drástica do lixo gerado nas grandes cidades.*

*De acordo com a publicação, a forma de vida foi identificada no último mês de maio, no Oceano Pacífico. O grupo, um consórcio internacional liderado por cientistas da Caltech (California Institute of Technology, nos EUA), isolou em laboratório um microrganismo batizado staphilococcus pacifiensis.*

*A nova bactéria é capaz de consumir polímeros complexos, gerando como subproduto água (H<sub>2</sub>O), ozônio (O<sub>3</sub>) e quantidades pequenas de grafite (isótopos do CO<sub>2</sub>), e não gás carbônico, como é mais comum nos processos de fermentação e decomposição de polímeros fósseis. As primeiras colônias foram encontradas em uma ilha de detritos plásticos que se formou entre o Japão e a Austrália, e surpreenderam os cientistas pela capacidade de suportar salinidade da água e variações extremas de temperatura e pressão.*

*O processo foi comemorado pela equipe que patenteou, nos Estados Unidos, uma forma de comercializar colônias para governos de países em desenvolvimento. Nos Estados Unidos e no Japão, foram feitos testes em unidades de processamento de lixo, e os resultados, de acordo com o estudo divulgado, são animadores.*

*“Conseguimos reduzir em até 96% o volume de embalagens plásticas dos galpões teste. Os subprodutos gerados pela digestão do plástico são água, ozônio e grafite, o que nos deixou bem animados com as aplicações imediatas”, comemora Leonard Hoff-Davidson, chefe do estudo. A intenção, afirma, é que nos próximos três meses sejam feitos testes em todos os continentes.*

*Para o diretor-executivo da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN na sigla em inglês) Moahandas Ganneshnaya, os estudos são promissores, e podem levar os países signatários do protocolo de Paris a atingirem suas metas até cinco anos antes do previsto. O cientista, que liderou o painel intergovernamental sobre aquecimento global durante 12 anos, alerta, no entanto, para o otimismo excessivo. “Ainda não temos estudos sólidos sobre as reais características desse microrganismo, nem para sua aplicação em grande escala”, afirma.*

\*\*\*

Aos 53 anos, Eustáquio ainda vivia só.

O garoto-prodígio da escola pública que recebeu bolsa de estudos para cursar biotecnologia na Alemanha aos 14 anos voltara para um Brasil em crise. Os cortes de verbas para ensino, pesquisa e extensão no início dos anos 10, seguido do golpe pentecostal no início dos anos 20 tornaram o país terra perigosa para quem era diferente.

Ser professor universitário negro, gay e morador de um bairro de classe média baixa na região metropolitana de uma capital com 5 milhões de habitantes, naquela época, era equivalente a andar com um alvo nas costas. Eustáquio aprendeu a sobreviver com o que tinha.

Após a reeleição do filho do fundador da maior igreja evangélica do país, naquele que entrou para a história como o pleito mais violento desde a independência do Brasil, Eustáquio pediu exoneração da faculdade. Sabia que a denúncia seria uma questão de meses. Talvez semanas.

Com o dinheiro do acerto, descontadas as dívidas feitas durante o doutorado na Europa, comprou o carrinho de pipoca de onde tirava o sustento. E o barco, seu lazer na BH dos anos 30. A casa herdou da avó, a única parente que realmente conheceu, com quem conviveu até ir estudar.

Três décadas de medo tornaram Eustáquio um homem prático e silencioso. Com os vizinhos assuntava sobre os afazeres da pequena plantação e da criação de galinhas malhadas do terreiro, sombreado pelos prédios ao redor.

A horta era um milagre. Gostava de comer os tomatinhos e as couves e de provar o mel de jataí que aprendeu a cultivar. Bom dia, boa tarde, boa noite e só. Para companhia contava com uma prima, a quem visitava duas ou três vezes no ano, e os jacarés da lagoa da Pampulha, onde passava as tardes de segunda e terça-feira, pescando e pensando.

A lembrança mais querida era o Carnaval do ano em que apresentou sua tese de doutorado. Quando ainda era possível ser festivo. Madrugou na Rua dos Guaicurus, no Centro, e conseguiu uma vaguinha tocando tamborim no tradicional Bloco Então Brilha!, o melhor daquele mundo. Cantou, bebeu catuaba, experimentou maconha, beijou desconhecidos, foi feliz.

Na quinta-feira seguinte, começou a dar aulas, mas o que foi bom durou pouco e Eustáquio se lembrava daquele tempo, agora, como se tivesse vivido aquele Carnaval em fevereiro duas encarnações atrás.

Apeou do barco o segundo cação em menos de 30 dias. Enquanto se dirigia

ao departamento de Biologia da UFMG, a menos de um quilômetro da prainha suja de lama onde deixava encostado seu barquinho, ouviu no rádio a seguinte notícia: “BH promete fim de montanhas de lixo após Carnaval”. Em tom cordial e um pouco animado, no radinho do telefone, o locutor da *Super FM* lia o seguinte texto:

***Prefeitura de Belo Horizonte promete zerar o lixo produzido durante o Carnaval deste ano em Belo Horizonte***

*A Prefeitura de Belo Horizonte vai zerar o lixo produzido durante as festividades de Carnaval em Belo Horizonte neste ano.*

*Quem garante é o secretário municipal do Meio Ambiente, o pastor Fred Biondini, que foi aos Estados Unidos em dezembro conhecer a novidade, criada por uma universidade da Califórnia.*

*Segundo ele, uma colônia de bactérias desenvolvidas especialmente para a finalidade conseguirá reduzir garrafas plásticas, fantasias e confetes a praticamente zero.*

*“Vamos destinar um pátio especial para teste no Aterro Sanitário metropolitano. O objetivo é, num segundo momento, ampliar o uso da Come-lixo para todo o aterro, aumentando a vida útil do empreendimento em até 50 anos e reduzindo o custo para a população.”*

Volta para o locutor:

“Agora é ver se funciona, não é mesmo, irmãos? Porque essa coisa do lixo no Carnaval, essa confusão que certos grupinhos aí na cidade ainda insistem em fazer, só com reza brava, não é mesmo? Deus nos livre! Agora o futebol...”

Eustáquio desligou o rádio.

\*\*\*

Ao chegar no cubículo entre o Café Nice e a lanchonete da rede internacional de sanduíches, onde guardava seu carrinho de pipoca, na Praça Sete de Setembro, no Centro de Belo Horizonte, Eustáquio entendeu o que acontecera. Os pneus do carrinho de pipoca haviam se transformado em duas pequenas manchas de areia preta sob as rodas estaiadas de metal cromado.

Colocou na mochila todo o milho que restara, sal, açúcar, o bacon que fritava em migalhas para salpicar sobre os saquinhos, o tubo de leite condensado pela metade. Organizou tudo em latões metálicos de banha, jogou o mochilão nas costas, deu meia volta e retomou a caminhada. Gastaria mais 3 horas para chegar em casa a pé.

No caminho, parou para ler no vidro de uma banca do centro uma página de jornal do dia anterior. Foi a última vez que viu um jornal em papel. A manchete de *O Tempo* daquela quinta-feira trazia a notícia que mudaria tudo dali pra frente. O fim já tinha começado, e veio mais rápido do que qualquer especialista poderia ter previsto. Na Califórnia, já se procurava, com poucas esperanças, uma solução. Não houve tempo.

***Aterro sanitário metropolitano será desativado até fim do ano***

*São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife também comemoram resultados com nova bactéria Come-lixo Da Redação*

*O Aterro Sanitário da Região Metropolitana de Belo Horizonte terá, pelo menos, mais 100 anos de vida útil. A afirmação é do secretário de meio ambiente pastor Fred*

*Biondini, que em entrevista coletiva afirmou se tratar de um efeito inesperado, mas positivo do teste realizado com o lixo no último Carnaval.*

*Segundo Biondini, a bactéria come-lixo, que inicialmente foi usada para degradar o plástico gerado durante os quatro dias de carnaval, teria se alastrado para fora do pátio destinado para o teste. Os microrganismos teriam aderido aos pneus de alguns caminhões de lixo. As peças tiveram que ser trocadas.*

*Como resultado, o volume de lixo aterrado no espaço, localizado em Sabará, na Região metropolitana, caiu pela primeira vez desde o início das suas operações, em 2007. O volume, que passava dos 30 milhões de metros cúbicos de lixo aterrado, agora está em cerca de 20 milhões de metros cúbicos.*

*Informações divulgadas nesta manhã pelo Ministério do Meio Ambiente, em Brasília, apontam que fenômenos parecidos foram constatados nos aterros sanitários de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Faltam informações confiáveis, mas as prefeituras de pelo menos outros 30 municípios relatam reduções nos volumes de seus aterros sanitários nos últimos dias.*

*Segundo o ministro do Meio Ambiente, apóstolo Ricardo Oliveira, o fenômeno deve ser comemorado. “Temos que dar graças a Deus pelo ocorrido. Durante anos nos preocupamos com o crescimento do lixo nas cidades e fizemos muito pouco. Agora, recebemos esse milagre. É um sinal divino de que estamos no caminho certo”, glorificou.*

*Logo abaixo, ao lado do anúncio da próxima geração de telefones celulares, o complemento da reportagem, que repercutiu pouco:*

### ***Ambientalistas questionam efeitos da come-lixo***

*A queda de 33% no volume de lixo do Aterro Sanitário em menos de 20 dias causou estranhamento na comunidade científica mineira. Para o professor Hermes Portugal, do Grupo de Estudos sobre Resíduos da Universidade Federal de Viçosa, é um fenômeno que tem que ser estudado a fundo.*

*“A decomposição de derivados de petróleo é um fenômeno recente e ainda muito pouco conhecido. Os subcompostos podem ser tóxicos, e as reações ainda são muito pouco conhecidas”, destaca o professor. “Podemos estar diante de uma mudança na humanidade. A urgência de se comercializar um produto, que na verdade é um ser vivo pouco estudado, deve ser questionada”, reclama.*

*Apesar de parte dos cientistas se mostrar cautelosa, ONGs de defesa do meio ambiente comemoram a descoberta. “Acreditamos em um planeta sem lixo. A natureza urge”, diz uma campanha lançada nesta quinta pelo Greenpeace. “Já estudamos muito, está na hora de agir”, diz a propaganda, disponível nas redes sociais.*

\*\*\*

Eustáquio entendeu que tinha pouco tempo. Apertou o passo, mas mesmo assim foi apanhado pelas chuvas torrenciais que despencavam sem aviso. O céu claro deu lugar ao cinza escuro, que se manteria sobre as cabeças dos que conseguiram sobreviver pelos próximos meses.

Durante os meses que permaneceu na Arca de Noé, como batizou mentalmente o barco que construiu no quintal de casa, Eustáquio teve tempo de

repassar os últimos meses na terra como a conhecia. A ignorância e a escalada de violência que subiram junto com a maré ainda provocavam pesadelos no ex-professor e pipoqueiro, que despertava à noite com a testa suada, apesar do frio lá fora. Gastava horas do dia lembrando os sinais que haviam sido ignorados por todos, menos por ele. Assombrava-se.

No dia em que viu os pneus do seu carrinho de pipoca derretidos, ficou claro que a bactéria desenvolvida nos EUA para decompor derivados de petróleo havia se espalhado de maneira imprevista e descontrolada. Era a pior epidemia pela qual a humanidade passaria. Faltava informação concreta, que provavelmente as autoridades de alguns países dispunham. Mas o tempo era curto e a política das nações hegemônicas era a de tentar evitar o caos generalizado. Era exatamente o que ele também faria: ficar quieto.

Os primeiros apagões em Belo Horizonte aconteceram no bairro Capitão Eduardo, próximo à divisa com Sabará e vizinho ao aterro onde fora delimitada, dias antes, a área de testes da bactéria come-lixo. Em menos de uma semana, o vai-e-vem de caminhões, que circulavam por toda a região metropolitana, dispersou os microrganismos pelo asfalto.

Os buracos nas vias não eram novidade por ali. Nem os apagões em dias de chuva. Nem o roubo de pneus durante as madrugadas quentes. Nada chamou a atenção das autoridades, até que os bairros onde residiam os ricos foram atingidos, semanas depois. “Absurdo esse descaso da prefeitura”, reclamou a Associação de Moradores do Alto das Mangabeiras, composta principalmente por juizes, desembargadores e donos de empreiteiras que viviam por ali. Advogados e juizes da Associação dos Moradores do Bairro de Lourdes também expressaram sua indignação no sítio eletrônico e no jornal mural, colado no poste da pracinha central da vizinhança, a minúscula e super-policada Praça Marília de Dirceu.

Enquanto os mais proeminentes cidadãos da capital procuravam seus umbigos em meio às barrigas salientes, nos fins do mundo, as calotas polares derretiam de baixo para cima. Os mais de 30 bilhões de galões de óleo do pré-sal se transformavam numa panela de pressão prestes a explodir na cara da Era da Informação, jogando a humanidade em uma nova era glacial. Os quase 8 bilhões de consumidores que vagavam sobre a Terra naqueles dias seriam reduzidos a menos de 300 mil.

A inimiga invisível era a *staphilococcus pacifiensis*, criada em laboratório para deteriorar e resistir. No meio aéreo, precisava formar colônias diamétricas antes de se tornar capaz de consumir o piche do asfalto, o pneu dos carros e os cabos que encapavam fios de telefone, cabos de fibra ótica e de energia elétrica, dentro e fora do solo.

Na água, no entanto, o comportamento era mais agressivo. Sem reportar às autoridades, os pesquisadores americanos que isolaram e melhoraram o exemplar em laboratório haviam sido imprudentes ao lançar, de volta, um galão com mais de 14 trilhões de bilhões de células viáveis no centro da ilha de lixo do Pacífico, meses antes. O frasco de 20 litros gerou catástrofes de proporções nunca antes vistas no planeta.

Levadas pelas águas, as bactérias aderiram inicialmente à pintura nas laterais de navios de carga, descascando a tinta em velocidade máxima, deixando no caminho placas vivas. As vias marítimas foram contaminadas e demorou pouco para que os navios petroleiros que saíam da Costa Oeste e do Alasca em direção ao Oriente Médio passassem pelo Canal do Panamá. A epidemia silenciosa passou despercebida nas duas primeiras semanas.

Quando encontraram as jazidas de petróleo cru, no entanto, as bactérias sintetizadas em laboratório já eram um terror irreversível. Na primeira grande explosão de bacia de exploração, a Venezuela foi devastada pelo primeiro tsunami visível a olho nu da Lua. Foi relatado pela estação espacial americana, que nunca recebeu uma resposta de como proceder dali pra frente.

Seis horas depois, uma forte explosão no Golfo do México gerou uma onda que encobriu todo o estado da Flórida e dizimou de vez a população das ilhas do Caribe, que jamais voltariam à superfície.

A terceira explosão, na Península Arábica, dois dias depois, abriu um buraco no que havia sido o Qatar e o tremor abriu de vez o canal de Suez. Foi a vez do já encoberto Mar Mediterrâneo receber a onda que varreu França, praticamente toda a Península Ibérica e a Croácia. O Saara submergiu em 24 horas. O continente africano sucumbiu em menos de uma semana. Quase um bilhão de pessoas morreram no grande tsunami que encobriu o centro sul da Índia e Bangladesh naqueles dias.

\*\*\*

Poupado do terror das ondas de 500 metros que varriam cidades inteiras a mais de 200 quilômetros por hora, Eustáquio trancou o portão e se preparou para o pior. Dias antes, havia arrastado o barquinho de pesca da Lagoa da Pampulha até sua casa, um percurso de pouco mais de 3km, que o deixou exausto. A tinta a óleo estava parcialmente descascada. Raspou o máximo possível do lado de fora da casa e começou a fazer as modificações que julgava necessárias.

Nos dias que se seguiram, construiu sua Arca com as ferramentas que dispunha e a madeira de lei que apanhara em caçambas de lixo ao longo dos anos. Queria construir, na velhice, a casa de seus sonhos, mas os móveis centenários herdados da avó teriam outro uso.

O antigo barco virou uma espécie de apoio, onde guardou bem amarradas com tiras de couro as ferramentas em madeira e ferro que gostava de trabalhar. A cama de casal e o itajé de mais de 300 quilos de peroba do campo entalhada foram para a nave principal.

O trabalho de cerrar, lustrar e encaixar usando pregos de aço inox e resina vegetal foi fundamental. Trancou-se e se manteve o mais quieto possível enquanto o mundo que conhecia, lá fora, se desintegrava como o petróleo e o plástico que recobriam tudo.

Quando a água preta do esgoto invadiu o portão e começou a subir em direção à porta da frente, a leva de garotos que saquearam lojas no Centro em busca de televisores de 54 polegadas e telefones celulares de última geração já havia seguido em direção ao Planalto Central ou se afogara tentando. A primeira

horda de ratos e baratas passou. E a segunda, com animais maiores, inclusive capivaras, também.

Faltavam dois detalhes para que a nau, até então apoiada em escoras de madeira, ganhasse o mundo. O lastro metálico de 3 metros abaixo do barco, que também serviria de leme, e as pequenas velas de tecido, que poderiam se inflar de acordo com a necessidade. De resto, tratava-se de uma embarcação pouco convencional.

O projeto era mais inspirado nos barcos salva-vidas de grandes cruzeiros marítimos da atualidade do que nas caravelas portuguesas que chegaram ao Brasil em 1500. O hexágono em madeira de lei era calafetado por dentro e por fora tinha 3 metros de diâmetro. Era maior que a sala-cozinha da casa de Eustáquio.

O leme central era a peça-chave para que continuasse flutuando de cabeça para cima. Eram três barras roscáveis feitas de aço inox maciço. Uma embaixo, onde se apoiava o lastro, uma do assoalho até o encaixe do que seria o teto da embarcação e uma terceira, que ficava presa no piso, e que poderia ser convertida na haste central de uma vela de navegação.

Dentro do engenho de madeira escura, os seis lados tinham pesos equivalentes para melhorar a estabilidade em águas turbulentas. Um dos lados tinha um sistema de terra e telas finas, onde foram acomodadas as plantas do quintal. Em seu lado oposto, foram acomodadas as 5 galinhas e o galo carijó batizado de Ronaldo, e os sacos de farinhas, grãos e sementes em latões metálicos de banha que antes acumulavam de tudo na garagem.

Embarcou com 25 quilos de açúcar, 50 quilos de farinha de trigo, 50 quilos de farinha de milho, 30 quilos de aveia, duas redes de pesca, um jogo com quatro varas pequenas e anzóis dos mais variados tipos. Seis pés de tomate carregados, quatro pés de couves e jarras com sementes de cebolinha, salsinha, coentro, pimentão, berinjela, cenouras e beterrabas acomodadas sobre 75 quilos de terra rica e preta que escavou do seu quintal. Era seu peso. Na outra extremidade, construiu sua cama e uma cadeira confortável. E fez o baú das mantas e cobertores.

Acoplados ao mastro principal, o destilador de água salgada para potável, o astrolábio que resgatara durante a reforma do laboratório de uma escola particular da Zona Sul, quatro mapas das constelações, feitos em diferentes épocas, e uma dúzia de livros.

Nos dois lados restantes, amarrou com cintos de couro e cordas de fibra natural o antigo barco de pesca com todas as ferramentas que conseguiu recolher, um vidro grande de resina para calafetar possíveis infiltrações, madeira para reparo, pregos, um fogareiro de acampamento e quatro caixas grandes com álcool em gel, que garantiriam o calor necessário e a cocção de parte daquilo que levava a bordo com alguma segurança.

Quando a água chegou à plataforma, teve que mergulhar para encaixar o lastro amarrado em uma corda de sisal. Rosqueou a barra rapidamente, trabalho que treinou com ar nos pulmões pelo menos 50 vezes antes do dia do adeus, e conseguiu pular para dentro de sua nova moradia a tempo de ver o telhado da residência ancestral ser engolida definitivamente pelas águas cinzentas e geladas.

Há mais de seis meses chovia sem parar, e há 45 dias já não via ninguém. Buzinas, tiros e gritos de horror cessaram quase um mês antes e restara apenas o som das aves migrando para o Oeste. Subiu em um turbilhão lento e constante. Naquela noite, passou silenciosamente em frente ao grande rosto indígena da lateral do Edifício Acaiaca, já cheio de água e peixes pela metade. Preferiu não acender o fogo para não chamar a atenção de possíveis sobreviventes acampados nos prédios altos da Avenida Afonso Pena.

Quando a última pedra da Serra do Curral submergiu, dois dias depois, deixou correr uma lágrima, fez uma prece para a avó e para todos que haviam submergido e ligou pela primeira vez o fogareiro. A chuva sobre o barco abrandou pela primeira vez em semanas. Fez chá de erva-doce e comeu um ovo cozido, colhido horas antes.

\*\*\*

Foi com assombro que os oceanógrafos da Universidade Federal de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, confirmaram as primeiras leituras de temperatura das águas profundas na região da Antártida, onde o governo brasileiro mantinha um ponto de estudos. As sondas distribuídas dos dois lados da América do Sul, tanto no Oceano Pacífico quanto o Atlântico, havia marcado temperaturas até 8 graus Celsius acima do normal para aquela época do ano.

O texto científico, que precisava de aprovação do Ministério da Ciência, Tecnologia, Educação Moral e Cívica, comandado pelo apóstolo Carlos Dilermano, nunca chegou a ser publicado. Entre as hipóteses levantadas pelo grupo de 18 cientistas, nove deles doutores em temas ligados à Oceanografia, estava o aquecimento da água como consequência do metabolismo de bactérias que se proliferavam no fundo dos oceanos de maneira espantosamente rápida.

A conclusão chegou quase um mês antes da primeira explosão de reserva de petróleo. Mesmo se o estudo houvesse sido publicado, não haveria o que fazer. O estrago estava feito, sob os aplausos de grande parte dos filhos da Era da Informação.

O metabolismo das bactérias desenvolvidas na Califórnia era belo e assustador. Os carburetos eram digeridos em cadeias grandes, em reações exotérmicas que deterioravam não apenas plástico, borracha e outros materiais oriundos do petróleo, mas também a fina camada de derivados que recobria o leito dos mares.

Todo o plástico sintetizado no mundo ao longo de um século e meio transformou o contorno dos continentes em um agradável bufê para os microrganismos sintéticos. Sua reprodução, exponencial e pelo sistema de meiose, era possível em intervalos de aproximadamente 17 minutos. Nesse intervalo, uma única célula gerava duas, quatro, 16, 256, 65.536 e assim por diante.

A água esquentou de baixo para cima, derretendo parte do gelo do Pólo Norte e criando, entre os monumentais icebergs que se soltariam dali a meses, bolhas de ozônio. Juntas, elas ocupariam volumes equivalentes aos Montes Urais. As ondas magníficas criadas pelas explosões das reservas em alto mar racharam as geleiras, fazendo com que o gás acumulado ao longo de meses vazasse imediatamente para a atmosfera, dobrando a camada de ozônio da terra por quase cinco meses.

Todo o O3 que impediu que parte dos raios ultravioletas do sol chegasse à superfície voltaria à conformação mais comum no nosso planeta, O2. Os buracos da ionosfera, fruto da reação de outros gases poluentes, inclusive o metano oriundo das criações intensivas de gado, voltaram às proporções conhecidas pela vida nos últimos três milhões de anos. O sol voltaria a brilhar em breve, sobre um planeta praticamente submerso.

Com o fim do plástico dos mares e a exaustão das reservas petróleo acumuladas ao longo de eras sob camadas de rocha, o ciclo das bactérias também acabou. Sem alimento, parte dos microrganismos passou à forma de esporos. Desidratados, os seres engrossaram suas paredes celulares e se aglomeraram em pequenos grumos negros que, a olho nu, pareciam uma chuva de fuligem no mar.

Sem alimento, mais de 99% das colônias pereceriam ao longo do próximo século, e a Terra seguiria seu curso natural rumo ao equilíbrio ecológico. A microglaciação do começo do século XXI nunca chegou a ser descrita pelos humanos que resistiram como um fruto da intervenção humana, mas como o Grande Dilúvio.

Outros 2500 anos seriam necessários para que a humanidade voltasse a compreender os fenômenos ópticos, e outros 370 para que a *staphilococcus pacifiensis* fosse observada em um microscópio e descrita de maneira científica. A nova sociedade, construída sobre a matriz energética solar, nunca passaria dos 2 bilhões de terráqueos.

O centro do desenvolvimento científico da nova humanidade se ergueria nos Andes, e Nova Kondor, anteriormente conhecida pelo nome de Lima, no que hoje se convém chamar de Peru, seria o centro do desenvolvimento científico mundial. Foi da estação Machu Picchu, na outra ponta da capital, que decolou a Libélula, espaçonave tripulada que descobriu, com assombro, que os humanos já haviam chegado, quase três mil anos antes, à superfície lunar. Aquela descoberta mudaria tudo.

\*\*\*

Eustáquio assistiu com preocupação o fogo restante se extinguir calmamente, resultado da combustão das últimas gotas do álcool em gel, deixando uma fumaça preta e bruxuleante no lugar. Já não se lembrava do som do cacarejar das galinhas, e a última pena fora usada como isca para peixes mais de uma semana antes.

Quase toda a terra fora lavada pela chuva, que no último mês caía mais gentil sobre a embarcação. Tomates e couves já tinham acabado há tempos, e não suportava mais o gosto da água destilada com peixe cru. O limite estava próximo.

Durante o ano em que permaneceu embarcado, a arca do professor resistiu bravamente a tempestades e ventos, ao frio e à chuva incessante, e a madeira inchada impediu, quase que milagrosamente, que os vazamentos e goteiras levassem seu mundo a pico. Agora o espelho d'água batia nos tornozelos, e a pele do pé parecia que ia se descolar da carne a qualquer momento.

Acima de tudo, Eustáquio sentia frio. Não se lembrava da última vez em que esteve aquecido. O mingau de aveia e as sopas que cozinhou ao longo dos meses, usando galinhas, peixes, tripas e pele lhe salvaram a existência, mas a humanidade esgarçara-se. Estava por um fio. Sentia-se triste.

Olhou mais uma vez na direção do sol nascente, sob brumas, e pela primeira vez em muito tempo sentiu que sua embarcação não se movia. Desde o dia que se ergueu sobre o muro e navegou pela principal avenida de sua antiga cidade, tanto tempo atrás, seguia quase que diariamente em direção noroeste.

Fechou mais uma vez os olhos na direção oposta ao sol nascente e tomou um susto. Fumaça e som de vozes no nascer do dia. Lembrou-se do gosto do café coado e achou que era uma miragem, mas não. Avistou terra firme. Havia esperança.

Lançou com esforço hercúleo o pequeno barco que navegara por 30 anos sobre os jacarés da Pampulha e, remando até o limite de seus pulmões, alcançou a ilha de quase 5 quilômetros quadrados. Boiava sobre o Planalto Central, quase 200 metros acima de onde, um século antes, havia sido construída a capital Brasília.

Ao verem o barquinho se aproximar, as pessoas que começavam o dia em cabelos revoltos e casacos de lã se lançaram à água sem medo do que pudesse estar nadando por ali. Alcançaram o barco de Eustáquio em pouco tempo, e juntos, depois, foram em busca da Arca, de onde retiraram o único livro que seria lido naquele acampamento por muitos e muitos anos. O livro Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, foi a base da nova civilização, os planaltinos.

Naquela noite, em volta da fogueira, Eustáquio contou sua história, e ouviu os relatos tristes de homens e mulheres que haviam se separado dos seus e que conseguiram, de formas diferentes, chegar àquele platô. Foi acolhido com palmas, café coado na hora e peixe assado na folha de bananeira. Comeu tapioca doce, mais doce do que se lembrava ser possível. Eustáquio foi abraçado, se aqueceu. Fez parte do grupo. Sabia que ali viveria o resto de seus dias. Sentiu-se melhor do que naquele longínquo sábado de Carnaval na Rua dos Guaicurus, duas encarnações atrás.



# DIAS SECOS

**Ewerton Martins Ribeiro** é escritor de ficção, jornalista da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisador de literatura na mesma instituição, onde cursa um doutorado em estudos literários. Publicou *A grande marcha* (editoras Circuito e e-galáxia, 2014), novela cujo pano de fundo são as manifestações brasileiras de junho de 2013, além de contos em revistas e suplementos literários. Venceu a edição de 2018 do Prêmio Literário Cidade de Manaus na categoria Ensaio sobre literatura. Nasceu e vive em Belo Horizonte.

**S** *Seja firme, paciente, simples e natural; assim estará perto da virtude.*

1.

No 14º dia sem água, a violência rebentou. Pais com bebês pequenos foram os primeiros a invadir as casas dos vizinhos em busca de algo líquido que pudessem oferecer aos filhos. Se encontravam algum adulto na casa, a luta era sempre fatal.

De início, atacaram prioritariamente as casas dos idosos solitários, talvez por algum restolho moral: entre um idoso e um jovem, que morressem aqueles com menos tempo de vida. Desconfio, contudo, que no fundo o motivo era mesmo a melhor chance de vitória nos combates. Ou como se passou a dizer entre as gangues que se formavam: atendimento preferencial.

Logo os pais com bebês pequenos passaram a focar também as casas em que moravam outros pais com crianças pequenas. Se a chance de vitória agora se reduzia a cinquenta por cento, o prêmio se tornava bem mais atraente: naquelas disputas, o vencedor conquistava tudo o que o outro pai pudera coletar até então e passava a contar com um pai a menos em sua área.

2.

No 17º dia, o discurso ambíguo de um governante na tevê livrou-nos todos da culpa que restava. O político disse algo sobre honra, sobre crianças como prioridade absoluta, sobre deus estar acima de tudo e de todos e olhando por nós e sobre

aquele ser um tempo de medidas extremas. Entendemos o que quisemos daquele medidas extremas e logo passamos a fazer de tudo por nossa sobrevivência, sem arrependimentos nem limites, alheios a toda ética e moral. Dali em diante, foi tudo pela água.

Nunca mais vimos aquele político novamente, e depois daquele pronunciamento não veio mais notícia do poder oficial. O último canal de televisão parou de transmitir no 19º dia. Com efeito, mesmo que tentassem voltar a transmitir, a energia elétrica já havia se tornado instável desde a segunda semana; logo fora interrompida de vez, tornando impossível toda comunicação tecnológica. Aqueles pareciam tempos áridos, mas o futuro que nos aguardava era ainda bem pior.

3.

No 30º dia sem água, a maioria das mulheres já não saía mais de casa. Se algumas poucas se aventuravam a disputar as ruas com os homens, era porque eram fortes como eles. Mesmo assim, só se davam ao risco porque a sede lhes roubava o juízo — ou porque tinham filhos pequenos: mães com bebês pequenos aprenderam cedo a lutar.

No fim do primeiro mês sem água, as ruas já estavam tomadas pelo estupro. Estupravam-se os mais fracos, fossem homens ou mulheres. Mulheres estupravam mulheres, sempre o mais forte subjugando o mais fraco, ou o nonsense do coletivo subjugando a espirotuosidade frágil da individualidade. Homens estupravam crianças, que o ser humano, quanto menor, mais fraco é. Até mesmo os grandes animais eram vistos fugindo dos homens, tempos aqueles em que nem nos lembrávamos mais das regras morais que cagávamos generalizadamente há nem bem algumas semanas.

No 47º dia sem água, poucas eram as famílias que ainda se estruturavam em função de parentescos. Os mais fortes agrupavam-se entre si, em constante tensão. Agremiados, tomavam facilmente os mais fracos e repartiam os lucros entre si.

As mulheres mais fortes passaram a se agremiar em facções sexistas. Mesmo para elas era inviável conviver com os homens quando em bando: o estupro estaria sempre à espreita, à espera da mínima distração. Ninguém mais dormiu.

4.

Ainda no fim do primeiro mês sem água, todos percebemos que dali em diante não haveria mais espaço para afetos fraternais. Muitos insistiram por alguns dias em manter viva alguma coisa de nossa subjetividade, mas em geral já sentíamos, no corpo, que só a sobrevivência importava. Justamente por isso, nem tanto se estranhou quando alguns pais passaram a abandonar seus filhos para se juntar aos bandos mais fortes. Alguns, ao que se disse, sacrificaram seus descendentes em mortes não violentas. Em tempos extremos, medidas impensáveis fazem-se provas de amor.

No 72º dia sem água, toda a população já havia se reduzido a um terço. Corpos apodreciam por todo canto. Dadas as restrições a que ficamos impostos, ninguém

se disporia a gastar energia cavando covas, arrastando carcaças, fazendo qualquer coisa que não fosse uma absoluta necessidade. Depenados, os corpos eram alvos dos urubus. Não tardou para que os urubus passassem a ser alvo dos homens.

Toda energia passou a ser gasta na busca por prazer (rapidamente redescobrimos que o prazer como a prioridade absoluta). A maioria de nós encontrava prazer em expurgar em violência a própria raiva. Matavam-se idosos, estupravam-se crianças, destruíam-se os monumentos do mundo já antigo. Muitos já o faziam sem objetivo, como que compelidos a viver daquela forma, a nova forma coletiva natural de se viver. Ninguém questionava. Questionar seria subversão, e sempre fora preciso se atentar à ordem estabelecida — inclusive no caos.

Naquele mundo, não havia espaço para questões.

5.

No 80º dia sem água, percebi o rumor sobre um lugar em que ainda haveria água, uma nascente ainda acessível, longe do mar. As versões do boato foram as mais variadas, mas em sua maioria elas se imiscuíam de aspectos religiosos sincréticos.

A violência diminuiu por alguns dias, mas logo voltou mais intensa. Nesse período, hordas passaram a peregrinar aleatoriamente em busca dessa salvação, sempre sob a direção de um ex-executivo do alto escalão do mercado corporativo, o tipo nascido ou cunhado para liderar.

Positivamente, poucos grupos atravessaram mais de três dias sem se exterminar por completo. Normalmente, na primeira demonstração de perplexidade, o líder era logo esquartejado — exceto os realmente bons, que esses eram capazes de fazer seu grupo se destruir antes de voltar a atenção para seu líder.

No fim, contudo, o líder acabava morrendo pela mão do último homem. Ou, se fosse dos que gostavam de academia, matava-o e tentava integrar outro grupo. Nesses casos, não raro o ex-executivo que liderava a outra horda percebia a ameaça e eliminava (pelas mãos de seus seguidores, naturalmente) o líder intruso antes mesmo de ele exercer qualquer influência sobre os seus liderados.

Matando e morrendo aos montes, não demorou para que os peregrinos desacreditassem o milagre e voltassem a se recolher fora de vista.

6.

Hoje é o 101º dia sem água. Neste instante, tentam arrombar a porta do meu apartamento. Já saí daqui e voltei algumas vezes desde que tudo começou, mas já há algum tempo estou entrincheirado neste cubículo. Acredito que o cheiro os fará desmaiar ao entrar, mas não tenho certeza.

No início, aguardava ansioso a invasão, a alma saindo pela boca seca. Agora já miro a porta com o coração mais calmo. As investidas contra a madeira da entrada até me trazem algum conforto, ainda que eu não saiba explicar exatamente por quê. Sinto-me vivo, talvez, coisa rara nestes dias.

Nós humanos somos engraçados. Expostos a uma desgraça de forma

gradativa, qualquer que ela seja, conseguimos suportá-la eternamente, mesmo que ela siga se agravando eternamente. Eu mesmo fui-me acostumando com este cheiro cadavérico e, hoje, sobrevivo perfeitamente junto aos dois corpos que me infestam a sala de estar. Do cheiro do ralo, por exemplo, eu até gosto. Mas esta pequena horda que bate à minha porta: se entrarem de uma vez, eles não vão suportar o peso do ar. Tenho certeza. Ao menos alguns, que seja, tenho certeza que ao menos alguns vão cambalear antes de me alcançar, sucumbindo a toda esta putrefação.

Vou ter de agir rápido.

7.

No 11º dia sem água, antecipei-me e assassinei discretamente as duas famílias com bebês do meu prédio. Não tenho nenhum bebê, mas percebi que era me antecipar ou ir para o saco. Dias depois, ao ver pela janela e na tevê aquilo em que o mundo havia se tornado, senti-me como aquele executivo do alto escalão do Lehman Brothers na véspera de o banco pedir concordata e rascunhar a bancarrota do mundo.

Abriam as portas para mim; matei-os com inacreditável facilidade. Ataquei na baixa e bebi na alta, não é o que dizem? Saquei o que pude antes de o banco quebrar.

Entre o 14º e o 30º dia, foquei-me nos apartamentos com mulheres e crianças maiores. Além de ter sede, eu sentia a necessidade de algum prazer. Essas iniciativas possibilitaram-me constituir uma reserva (não só física, mas emocional, entenda-me bem) que foi estratégica para o que viria a seguir.

Entre o 30º e o 60º dia sem água, terminei de eliminar o restante dos meus vizinhos. Dezesseis apartamentos divididos em oito andares, os primeiros já ali no térreo. Essa foi a empreitada de que mais me orgulho. Sempre me resenti de, no mundo civilizado, não ter conseguido descobrir em mim algum talento que me colocasse além do medíocre em qualquer atividade que executasse. Foi preciso o fim do mundo para eu me encontrar.

Desde que tudo começou, tive calma e inteligência suficientes para me manter sempre um passo à frente de todos, sempre antecipando alguma estratégia individual em oposição ao desespero coletivo. Eu sou o que poderíamos chamar de homem de sucesso do mundo apocalíptico. É na crise que estão as maiores oportunidades, não é o que dizem? Pois então. Agarrei a oportunidade com unhas e dentes. Sou um homem de sucesso do mundo contemporâneo. Sou um homem de sucesso.

Naquele dia, de madrugada, em completo silêncio, deixei uma garrafinha de água no meio do saguão de cada andar. De manhã cedo, pus-me à janela a comunicar a minha iniciativa: disse ter feito uma boa reserva e que agora a dividia com os vizinhos em sinal de boa vontade, para que tentássemos manter a paz. Pedi que com isso não ameaçassem a minha vida. Demonstrei fragilidade.

Efetivamente, daquela empreitada restou-me apenas meia garrafa pequena de água limpa. Hoje, quando penso nisso, não consigo acreditar que arrisquei tanto. Ao mesmo tempo, fico orgulhoso de ter sido tão arrojado. Um homem de sucesso

do mundo pós-apocalíptico precisa ser arrojado e saber se valer dos recursos que tem. Dinheiro faz dinheiro.

Quando gritei à janela, todos correram à porta para conferir se de fato eu havia feito a loucura de ceder-lhes água. Olharam por seus olhos mágicos e de fato viram: água; água limpa. E ali, a apenas uns seis metros de distância. Uma garrafinha no meio do saguão de cada andar.

Os trincos das portas se abriram quase que simultaneamente. Em seguida vieram os passos apressados, o desespero de alcançar a garrafa antes do vizinho de frente. E então os gritos. E os silêncios intercalados. Sons secos ecoando pelo vão do prédio. Tudo era seco. O maior prazer que obtive nesses cem dias foram aqueles sons secos entrando pela minha janela.

Sozinhos, os meus próprios vizinhos reduziram o contingente de 16 apartamentos a míseras sete pessoas. E o melhor: sete pessoas esgotadas fisicamente. Não foi difícil para que, nos dias seguintes, com calma, com estratégia, com racionalidade, do jeito que só faria um homem de sucesso do mundo pós-apocalíptico, eu eliminasse os que restaram. Dividir, conquistar e avançar. Dividir, conquistar e avançar. Dinheiro faz dinheiro. Água faz água. Para enfrentar o mercado, é preciso sangue frio.

Quando terminei minha empreitada, dispus os corpos no saguão do meu andar, ao mesmo tempo dificultando a passagem e deixando um recado: neste prédio há um homem de sucesso; sugestão, não provocar. Dois corpos, contudo, eu trouxe ainda vivos para dentro do meu apartamento: duas das minhas vizinhas. Depois de um tempo, contudo, elas se tornaram de fato corpos e começaram a feder. Mas eu já não podia mais sair para me desfazer deles: o prédio já havia sido novamente invadido (o aviso não funcionou como eu previra), e não tardou para que uma horda chegasse à minha porta — a única trancada por dentro. Para os desgraçados, o trinco daquela porta foi como o laço brilhante que faz a criança se apaixonar pelo presente escondido num embrulho colorido.

8.

Não posso dizer que eu não fui um vencedor. Sou sim um homem de sucesso do mundo pós-apocalíptico. Vivi os meus cem dias da melhor forma que pude; melhor e mais tempo do que a maioria dos outros humanos. Vali-me dos mantimentos e da água de dezesseis casas durante todo esse tempo, o que me manteve forte e saudável para o que vier pela frente, agora. E desfrutei de prazeres que mantiveram a minha mente centrada: estou pronto para o combate.

Mas agora estão arrombando a minha porta. Não sei quantos são, tampouco se estão fortes e saudáveis como eu. Imagino que não, mas não tenho como saber. A porta ao menos ainda não derrubaram. Já eu estou forte. Ainda tenho gás, fiz comida, tenho me alimentado. Dou conta de três ou quatro, estou certo disso; mais, não sei: depende do estado deles.

Estou certo de que não há mulheres ou crianças entre eles, o que não me motiva a enfrentá-los. Mas não tenho muita escolha: a única saída de meu apartamento é mesmo a porta da frente.

9.

Já vejo uma fresta entre a madeira, cavada a machado. Só me faltava essa: um machado.

10.

Da minha parte, eu tenho uma arma que peguei do policial que matei. Não tinha contado? Sim, eu tenho uma arma. Por essa você não podia esperar.

No meu prédio havia um policial com um bebê. No 11º dia, ele fez a besteira de abrir a porta para mim, que pelo olho mágico oferecia uma garrafa de água para ele dar ao filho. Ele hesitou, mas no fim acreditou. É incrível como as pessoas precisam acreditar.

Quando entrei agitado no apartamento, o policial não teve outra alternativa que não proteger o filho, que estava no colo, deixando a lombar à mostra. O homem sempre fica vulnerável quando precisa cuidar de outro. Por isso um homem de sucesso pensa primeiro em si.

Mirei a lombar, visei a lombar, mas, não sei por que, acertei a cabeça. Com o martelo. Uma única vez. No início eu usava martelo. Caiu estrebuchado, acho que segue tendo espasmos até agora. Na hora eu me assustei — foi a minha primeira morte; hoje eu acho engraçado quando lembro dos pés dele tremendo entre o sangue.

Os recursos do seu apartamento foram essenciais para que eu resistisse até agora. Mas não me pergunte do bebê. Não quero falar sobre isso.

11.

Se contei que tenho esta arma, também cabe contar que não sei usá-la. Pois é, nem tudo é perfeito. Bem, eu até imagino como seja, mas não quis gastar bala à toa, testando.

12.

Aponto a arma para o buraco na porta. Penso em derrubar um e com isso espantar os demais. Afinal, quantas armas mais eu poderia ter? Ninguém seria tão idiota a ponto de querer conferir. Boto o dedo no gatilho. Aperto. Não funciona.

A trava: todos os filmes falam na maldita trava. Ela existe mesmo.

Destro o revólver. Repito o procedimento. Dedo no gatilho, aperto. Um estouro: um tranco no braço, fumaça no cano, o cheiro da pólvora, o meu susto. Então é assim que se atira? Ouço um grito do outro lado. Acertei alguém.

Descarrego a arma pela fresta da porta e, pelo que parece, fiz um estrago. Ouço choros e gemidos, como se ardêssemos todos no inferno. Ora, a quem eu quero enganar? Ardemos todos no fogo do inferno. Bem, ao menos eles: eu ainda tenho água. Inspirado, coloco uma dose em um copo, coisa que há tempos não faço. Tomo um drinque no inferno.

Ouço-os conversando, recuados. Não estão mortos. Não todos. Não são poucos, afinal. Bem, ao menos ganhei algum tempo. E melhorei minhas chances.

Sei que tenho mais balas. Peguei tudo o que havia no apartamento do policial.

Só não lembro onde coloquei. Procuro. Com custo, acho-as junto aos corpos na sala de estar.

Recarrego o revólver. Tento enxergar pela fresta da porta: uma forte machadada passa a centímetros da minha cara. Desgraçado! Descarrego novamente a arma, mas agora não sei se acertei alguém.

Cai a noite, eles parecem dormir. Ou foram embora. Ou morreram de sede. Meu apartamento é de fato uma gaiola, uma gaiola minúscula, no oitavo andar do prédio, com grossas grades nas janelas. Para entrar, só mesmo pela porta.

Isolo a porta com alguns móveis; isolo a sala, que felizmente também é fechada à porta. Recolho-me do corredor para dentro: espaço de sobra para mim e minha água. E ainda me livro daqueles corpos. Que apodreçam na sala de estar. Nunca mais vou precisar passar por ali.

Se forem espertos, vão embora. Se estiverem desesperados, insistirão. Tenho mais seis balas, seis balas e um martelo. Meu martelo faz um estrago.

13.

102º dia sem água.

Do lado de fora de minha metade de apartamento, tudo é silêncio. Não saberei se isso é bom ou se é ruim, mas darei risadas por ter os meus livros, por ter comida e por ainda ter água. Tenho comida e água! Ah, a vida é uma festa. Sou um homem de sucesso do mundo pós-apocalíptico. E por quanto tempo aguentarão esperar? Por quanto tempo poderão resistir? Vencerei. Estou certo de que vencerei.

Se chegarmos ao 105º dia, logo o meu martelo mesmo, sozinho, será capaz de resolver mais este problema. De toda forma, o que nos importa a todos é o agora.

Agora eu tenho água. Agora eu vou beber toda a minha água.



**SEGUNDA  
REVISÃO  
DOS  
JULGAMENTOS  
OPORTUNOS  
PELA  
CORREGEDORIA  
ANEXO B**

**Rodrigo Assis Mesquita**, [deletado], é um escritor brasileiro de ficção científica e fantasia adepto da liberdade dentro da cabeça e do brigadeiro de colher. Graduiu-se nos prestigiados workshops de escrita criativa da Clarion West (2018) e do Viable Paradise (2018) e é Membro Associado da Science Fiction & Fantasy Writers of America (SFWA). Suas histórias, em português e em inglês, já apareceram em vários lugares, como *Future Science Fiction Digest*, *Story Seed Vault*, *Trasgo*, *Revista Mafagafo* e *Leitor Cabuloso*.

**S**egue a ata de julgamento de uma das primeiras de milhões de pessoas sujeitas a um julgamento justo e economicamente viável por meio de seus telefones celulares. A ata também faz parte do estudo patrocinado pelo Governo, “É justiça célere para todos: guardando dinheiro para guardar pessoas”.

\*\*\*

Governo assumiu remotamente o seu celular e criou o grupo “Julgamento.”

Governo ligou o microfone, a câmera e o GPS de alta precisão.

Supervisores ocultos do Governo entraram no grupo.

Juiz entrou no grupo.

Juiz adicionou você coercitivamente, a Ré, de acordo com o Código de Processo Penal.

Juiz decretou segredo de justiça.

Sessão de julgamento começou.

Juiz, lendo a lei de outra janela: “A audiência começou. Um relato objetivo de tudo o que for dito e de cada ação capturada pelas câmeras dos celulares será aqui transcrita em tempo real. A íntegra da ata judicial, ou parte dela, será usada ou editada contra a Sra. de acordo com o interesse público, nos termos definidos pelo Governo.”

Ré franziu o rosto.

Juiz: “As acusações serão ajustadas à pena.”

Ré sorriu maliciosamente: “Lu, você tá me zoando?”

Juiz, impassível: “Sua esposa é amável, mas não sou ela.”

Ré coçou o queixo: “Isso é verdade?”

Juiz: “Verdade tão verdadeira quanto Deus. O tique dourado ao lado do meu nome certifica que sou uma autoridade do Estado.”

Ré bebericou café do copo de poliestireno: “Vou rodar o antivírus—”

Juiz alertou: “O Governo desabilitou seu acesso ao celular; tentar deixar o aparelho ou sair desta tela apenas prejudica a sua defesa.”

Ré tocou a tela com o dedo indicador.

Juiz: “O botão de ligar/desligar está desabilitado também. Devo avisá-la ainda de que, caso seu celular fique sem bateria, será considerada culpada até o limite máximo da legislação.”

Ré, de maneira suspeita: “Eu não concordei com isso.”

Juiz reclinou-se na cadeira: “A Sra. deu consentimento no momento em que desembulhou o seu celular. Está tudo detalhado no Contrato de Licenciamento de Usuário Final, também conhecido como ‘EULA’, dentro da caixa.”

Ré: “Então quero retirar a minha autorização.”

Juiz: “A Sra. renunciou ao direito de fazê-lo. Há uma cláusula expressa no aludido EULA.”

Ré deu um grito estridente: “Você não pode invadir a minha privacidade desse jeito! E não dei nenhum gritinho estridente!”

Juiz ensinou à Ré: “Uma cidadã de bem, cumpridora da lei, não tem nada a esconder. A Sra. pode ficar tranquila, pois a ata de julgamento é objetiva.”

Ré: “Cadê os outros? Tipo, o promotor de justiça?”

Juiz: “Por questões orçamentárias, o Governo fundiu todas as funções judiciais e relacionadas ao Judiciário em uma só. Eu sou a Justiça.”

Ré olhou para alguém fora da tela – pessoa identificada pelo Governo como Jonas Silva, cujos dados completos foram enviados ao Juiz – e perguntou: “Ô, Jonas, me empresta seu celular? Preciso dar uma ligada pra minha esposa.”

Juiz: “Relacionar-se com terceiros pode torná-los criminalmente corresponsáveis. Pode crescer participação em organização criminosa à sua já longa lista de acusações.”

Ré balançou a mão direita, arrogantemente, e disse a Jonas: “Deixa quieto.”

Ré voltou o rosto para a tela: “Só queria saber como elas estão e contar o que tá acontecendo.”

Juiz: “Ela está com a sua filha Telma no endereço a seguir.”

Foto e mapa foram subidos na janela de julgamento.

Juiz continuou: “Elas vão jantar no Ristorante Domenico. Polpetta. Boa escolha. A Sra. não precisa se preocupar com elas.”

Ré, fraca, implorou: “Não faça nada com elas.”

Juiz: “Não me dê justa causa para adicioná-las a este grupo.”

Ré, gaguejando: “Por favor.”

Juiz: “Vejo do seu histórico de compras e dos seus dados financeiros que não tem condições de pagar um advogado sem prejuízo da sua subsistência. A Sra. deseja assistência judiciária gratuita?”

Ré curvou-se levemente e balançou a cabeça positivamente.

Juiz: “Mil escusas. Eu continuo obrigado a fazer essa indagação porque o regimento interno do tribunal ainda está em revisão para se adequar à Lei de Equalização, ao Decreto de Liberdade Aprofundada e à Circular de Óbice ao Intermediário, mas a assistência judiciária foi revogada. Chega de advogados ou aproveitadores.”

Ré: “Você pode me dizer o que que eu fiz de errado?”

Juiz suspirou: “A Sra. sabe muito bem o que fez.”

Ré insistiu: “Tenho o direito de saber.”

Juiz, com um olho espasmando: “Você tem, Sra. [censurada]?”

Ré: “Meu nome não é [censurada], é [censurada].”

Juiz não se afetou.

Ré: “Quais são as acusações?”

Juiz: “Como disse anteriormente, elas são irrelevantes. De todo modo, asseguro à Sra. que o Estado a está acusando apropriadamente de acordo com o devido processo legal.”

Ré: “Posso dar uma olhada detalhada nas acusações?”

Juiz: “Depois da condenação.”

Ré: “Estudei Direito por um ano antes de mudar de curso em —”

Juiz interrompeu a Ré: “Você não tem licença para advogar.”

Ré disse, envergonhadamente: “Ah, não, eu —”

Juiz emendou: “Então agora a Sra. também é acusada de sabida imperícia legal.”

Ré opôs objeção: “Mas imperícia sugere que eu seja uma advogada habilitada.”

Juiz indeferiu, emendando as acusações mais uma vez: “Mais um crime.”

Ré opôs outra objeção processual, sem fundamento: “Por acaso este processo criminal é lícito?”

Juiz indeferiu: “No caso Governo v. o povo e outro povo, a corte suprema decidiu que a justiça enxuta é constitucional. Como bem disse Ruy Barbosa (1921), ‘justiça atrasada não é justiça, senão injustiça qualificada e manifesta’”.

Ré disse com desdém: “Isso é ridículo.”

Juiz decidiu: “Isso é crime de atentado à dignidade da justiça. Dois a três agravantes acrescidas à sua sentença.”

Ré levantou a voz: “Não vi nenhuma sentença. Já fui condenada?”

Juiz: “Vamos ser civilizados. Estou tratando a Sra. com respeito, então espero reciprocidade. Ademais, se a Sra. está sendo processada, então já não é uma boa pessoa, certo?”

Depois de um momento de silêncio, o Juiz riu com eminência: “Sua esposa contou uma piada engraçada para a Telma. Perdoe-me por me intrometer, mas acabei ouvindo a conversa delas. Mulher interessante.”

Ré perdeu o fôlego e arregalou os olhos.

Juiz prosseguiu: “Deseja produzir provas?”

Ré: “Sim.”

Juiz decidiu: “Provas produzidas. Temos todos os seus dados: registro de chamadas, mensagens de texto, mensagens de texto deletadas, histórico de localização, histórico pessoal, arquivos de áudio e respectivas transcrições, gravações de robôs domésticos e respectivas transcrições, informação de DNA, arquivos médicos e de seguro, arquivos de escova de dente.”

Ré peticionou: “Eu requisito uma cópia, por favor.”

Juiz decidiu: “Claro. Será enviada ao seu e-mail. Deve chegar na sua caixa de entrada no prazo de dois a sete dias úteis.”

Ré suspirou aliviada: “Então o julgamento será adiado até a chegada do arquivo?”

Juiz desconsiderou a indagação da Ré: “A Sra. não prestou atenção? Trata-se de justiça extrema e célere.”

Ré: “Isso não é devido processo legal. Sou inocente até que se prove o contrário.”

Juiz emendou o libelo acusatório mais uma vez: “Mais uma acusação de imperícia e outra séria infração adicional – uma que nem vou contar para a Sra. de tão grave. Sua conduta neste julgamento está lamentável, bem aquém do esperado de alguém como a Sra.”

Olhando brevemente para a sua tela, o Juiz ponderou: “As provas contra a Sra. são avassaladoras. Mas...” Juiz coçou o queixo. “Há uma opção para atenuar a sua pena ou, quiçá, até absolvê-la.”

Ré respirou fundo e perguntou: “Como?”

Juiz: “É só delatar. Quanto mais envolvidos a Sra. entregar à Justiça, mais atenuantes acumula, inclusive se tornando apta a pleitear suspensão da pena. Além disso, por cada pessoa delatada, a Sra. ganha um número que, se for sorteado pelo Juiz de execuções penais, pode levar ao perdão da sua pena. Se delatar pessoas da família, então, ganha dez números extras por cada delatado.”

Ré: “Eu não fiz nada, minha família não fez nada...”

Juiz: “Pense bem, Sra. [censurada]. A sua esposa, livre e despreocupada, está tomando um sorvete agora, de sobremesa, jogando conversa fora com a sua filha.”

Apareceu uma pequena janela transmitindo ao vivo o jantar da esposa e da filha da Ré.

O rosto da Ré brilhava de suor.

Juiz: “Quem disse, por exemplo, que a sua esposa não aceitou o mesmo acordo?”

Ré gaguejou: “Ela... ela nunca me falou nada.”

Juiz: “Não, nunca falou. Mas se tivesse falado, teria os benefícios revogados e, a esta altura, estaria cumprindo pena. O acordo fica sempre sob segredo de justiça.”

Ré olhou para o vídeo sem piscar.

Juiz: “Vou fazer uma última proposta: se a Sra. denunciá-la agora, as duas

ficam livres. Porém, se só uma das duas denunciar, a outra é condenada e a execução da pena começa imediatamente.”

Ré murmurou, quase inaudível: “Ela tem andado estranha ultimamente... Mas quem vai cuidar da Telma?”

Ré endireitou-se na cadeira e, balançando a cabeça negativamente, falou baixo: “O que tô falando? Não.”

Juiz: “Perdão?”

Ré ergueu a voz: “Não. Minha resposta é não.”

Juiz estalou a língua.

A janela de vídeo fechou.

Juiz: “Muito bem. Que não se alegue depois que falta à Justiça razoabilidade.”

Juiz: “Ante todo o exposto, a Justiça declara a Sra. culpada de todas as acusações.”

Juiz mudou o status da Ré para Criminosa condenada.

Criminosa peticionou: “Posso ao menos contar pra minha esposa e pra minha filha o que aconteceu comigo? Pelo menos uma despedida?”

Juiz: “Contato com a sua antiga família é proscrito pela lei. Opiniões indicaram que não é útil ao processo de dessocialização do criminoso.”

Criminosa apelou: “Só umas mensagens de texto pequenas, ou uns dez segundos no telefone.”

Juiz negou provimento: “A Sra. se colocou nessa situação. Deveria ter pensado melhor antes de fazer o que fez.”

Criminosa enterrou o rosto sob as mãos: “Eu nem sei o que eu fiz!”

Juiz admoestou: “Todo mundo diz a mesma coisa. Chega de chicanas jurídicas.”

Juiz finalizou o julgamento justo: “Haja vista a improcedência da sua apelação, a sentença transitou em julgado, não podendo mais ser modificada. As despesas processuais serão descontadas da sua antiga família.”

Juiz se levantou: “Os agentes da lei já estão prestes a adentrar o seu local atual. Boa tarde.”

Juiz deixou o grupo.

Criminosa esperou enquanto assistia a uma propaganda do Governo narrada por uma voz alegre: “[censurada], parabéns por ter sido aleatoriamente selecionada para ser julgada de modo justo pela versão beta do Julgamentos Oportunos®, aplicativo trazido até você pela Gov S.A. em parceria com o Governo. Quem quer perder anos numa batalha jurídica? Em breve, Julgamentos Oportunos® alcançará o povo todo. Por favor avalie a sua condenação. Tenha um bom dia!”



# ASAS REMOTAS

**Renata Ferri** é jornalista, tradutora, ceramista e mãe da Íris. Belo-horizontina ingrata, vive tentando fugir para outras cidades e países, mas sempre acaba voltando. Ler é uma das atividades indispensáveis de todos os dias. Antes de aprender a ler e escrever, dizia: "quero ser escritora!".

— **D**o que você mais sente falta de como as coisas eram antes?

— A entrevistadora perguntou.

— Asinhas de frango. — Foi a minha resposta.

— Como assim? — Ela disse, confusa.

— Eu sinto falta de comer um monte de asinhas de frango em uma refeição, fritas ou feitas na churrasqueira. Sabe, hoje só temos frangos criados soltos, felizes em nossos quintais. Por isso eu entendo como é difícil imaginar um tempo em que as pessoas devoravam dúzias de asinhas de uma vez só, já que ninguém jamais mataria vários frangos só para fazer isso. Mas na minha juventude, antes de tudo acontecer, era muito comum.

— Eu já soube de muitas histórias sobre a relação estranha que as pessoas tinham com a comida antes da Grande Exaustão. Tipo a de que vocês mudavam os padrões genéticos das plantas em um laboratório para que elas crescessem mais depressa e mais resistentes aos insetos, o que já é muito louco. Mas isso que a senhora acabou de me contar é algo que eu nunca tinha ouvido antes.

— Todo mundo adorava. Nós ligávamos para um número e eles entregavam um balde de papelão cheio de asinhas de frango fritas na nossa casa.

— E o que é papelão?

— Bem, um tipo de papel.

— Papel, aquele que era feito de árvores?

— Sim.

— Que interessante. Não é nenhuma surpresa que tudo isso tenha ficado no

passado, não é? Pense só! Cortar árvores para fazer recipientes para inúmeras asinhas de frango vindas de animais criados em cativeiro só para alimentar uma insustentável população de sete bilhões de pessoas que gostavam de comer muito! Insano. – Ela riu.

– É, não é nenhuma surpresa. – Eu estava com essa vontade de comer asinhas de frango havia meses. Ter um desejo alimentar não é uma coisa tão ruim quando há uma chance de que ele possa ser realizado. Não é o meu caso. Isso me faz pensar nas mulheres grávidas que tiveram tais desejos depois da Grande Exaustão. Como elas devem ter sofrido. De todo jeito, aposto que nenhuma delas teve coragem de revelar seu anseio, que seria considerado algo frívolo, já que o mundo estava completamente devastado. Para a nossa sorte, todos os sobreviventes agora estão velhos demais para procriar. Eu, por exemplo, nunca tive a chance de carregar um bebê na minha barriga e estou satisfeita com isso. Houve muito encorajamento para repovoar o planeta, mas eu consegui deixar isso para os outros.

O programa de rádio se chamava Memórias Estranhas e toda semana ele era apresentado em uma cidade diferente dentre as que ficavam próximas dali, mas quase inacessíveis por terra. Eles entrevistavam uma pessoa idosa, como eu, que falava sobre como as coisas eram antes. Não foi a minha primeira vez no programa. Tinham me chamado muitas vezes, já que as pessoas que ainda possuíam memórias daquele tempo remoto para dividir eram poucas agora. É engraçado que, mesmo antes do meu nascimento, diziam que o rádio iria desaparecer. Erraram feio. Estamos no ano 2095 e ele é a principal fonte de entretenimento e informação. O Memórias Estranhas até mesmo fez uma série sobre a internet e como ela foi muito importante na vida de todos, mesmo sendo algo perigoso e ilusório.

– Semana que vem o nosso programa será sobre uma coisa da qual as pessoas de antes eram totalmente dependentes. Sim, você acertou se disse telefones celulares! Nunca na história da humanidade houve um objeto tão indispensável. As pessoas enlouqueciam se ficassem algumas horas longe desses dispositivos. É muito esquisito! Mas era assim. Vamos trazer um pessoal fascinante para nos contar sobre isso. Fiquem ligados!”

Eu saí da estação de rádio me sentindo meio zozza. Não me incomodava falar sobre o passado; eu até gostava quando alguém perguntava sobre como era. Mas a entrevista me fez pensar em como tudo foi inevitável. Não dava para continuarmos vivendo daquela maneira. Os cientistas trabalhavam horas sem fim em seus laboratórios para elaborar os mais poderosos agrotóxicos quando éramos nós que estávamos consumindo o planeta. E, mesmo sabendo disso, eu ainda daria um rim por um prato de asinhas de frango.

Caminhei até em casa, claro. Dava para fazer tudo a pé agora. As queimadas da Grande Exaustão deixaram apenas pequenos oásis de terra intocada aqui e ali em todo o mundo. As partes destruídas ainda eram terrenos perigosos e tóxicos, o que tornava viagens quase inviáveis. A maioria das pessoas passava a vida inteira quieta em seus perímetros, ouvindo sobre os acontecimentos do mundo através do

rádio. Eu gostava dessa vida tranquila e sem estresse, mas conheci pessoas que teriam detestado isso, que chamariam de lugar entediante. Todas elas estão mortas.

Ao passar pela porta, eu logo ouvi os grilos. Era o telefone. Não sei quem teve a ideia de transformar o toque ring-ring de antes em sons de grilos. Obviamente era uma forma de honrar os animaizinhos que deram início a tudo. Mas sempre que eu ouvia aquilo, meu coração acelerava, e a lembrança do céu sendo preenchido por uma nuvem gigante de insetos que depois caíram mortos no chão me assombrava. Os ambientalistas falaram muito antes sobre os riscos de um possível desaparecimento dos grilos, mas ninguém parou de usar o veneno que eles diziam estar prejudicando-os. Até que um dia os grilos desapareceram. Não estavam em lugar nenhum. Houve uma avalanche de “Eu avisei” da mídia em todo lugar. Mas não aconteceu nada. Por cerca de dois meses, tudo ficou igual, exceto a existência dos grilos. Até o dia em que trilhões deles voaram juntos em direção a um enorme aglomerado no céu, ficaram lá por um tempo, e, depois, caíram sem vida. Havia pilhas e pilhas deles no chão. Eles tinham ficado escondidos em profundos buracos na terra, reproduzindo-se freneticamente até que não houve mais espaço. Isso aconteceu em todo o planeta. Quando não cabiam mais nos buracos, saíram e tudo se desenrolou.

Centenas de milhares de pessoas morreram soterradas embaixo deles. Mas isso não foi nada comparado com o que aconteceu depois. A morte dos grilos causou um grande desequilíbrio ambiental. Não sou climatologista, então não sei bem qual foi o processo, mas as temperaturas aumentaram muito, e raios cortavam os céus, apesar de não haver nuvens. As queimadas começaram e não choveu por dois anos. Três quartos da população mundial morreu. Eu sobrevivi. E agora parece estar tudo bem de novo.

Atendi ao telefone. Era uma amiga tão antiga quanto eu. Ela morava onde um dia tinha sido a França e me ligava toda semana. Nós nos vimos ao vivo apenas uma vez quando tínhamos 13 anos e eu fui ao país dela para uma competição internacional de matemática. Fui escolhida entre muitos outros adolescentes de escolas públicas para representar o meu país. Nenhuma de nós venceu a competição, mas nos divertimos muito fumando e rindo escondidas atrás dos muros da escola dela. As pessoas agora não conhecem mais o conceito de fumar. A ideia de levar aos pulmões qualquer outra coisa que não seja ar é muito estranha a todos. E talvez seja justificável, já que durante as queimadas nós respirávamos muita fumaça indesejada. Até hoje, tanto eu como minha amiga temos pulmões fortíssimos. Os países também se tornaram algo do passado. Só temos pequenas áreas de terreno fértil onde muita gente vive e morre sem ir a outro lugar. Além disso, saber mais do que a sua língua nativa é muito raro. Eu não falo mais francês, mas ela conseguiu manter o seu português, graças a mim.

Ela me contou que nascera mais um de seus bisnetos. Eu fingi que isso me interessava, porque eu gostava de conversar com ela. As pessoas do meu perímetro eram muito comunicativas e era só você sair de casa para que encontrasse alguém para puxar conversa. Mas eu gostava mesmo era de saber em primeira mão

como as coisas estavam do outro lado do oceano intransponível. Até porque, os telefonemas para qualquer lugar do mundo eram gratuitos.

Após descrever a novidade do recém-chegado bebê, ela me falou que teve um sonho e que mal podia esperar para me contá-lo. Eu era a única que entenderia.

– Eu sonhei que tinha trinta e poucos anos. Era solteira e sem filhos. Meu trabalho era pegar um avião diferente toda semana para visitar outro país, onde eu experimentava comidas típicas e gravava vídeos sobre isso para um programa de televisão. Você se lembra desses programas de TV? – ela disse com seu sotaque francês.

– Acho que lembro. Eles iam a restaurantes, não é?

– Sim. Eu adorava ir a restaurantes com meus pais.

– Nós quase nunca íamos. Mas meus pais cozinhavam muito mal, então a gente sempre pedia muito delivery em casa.

– Uma das coisas que aconteceu no sonho foi que eu fui ao seu país. Nós nos encontramos e comemos churrasco de asinhas de frango. Comemos muitas com as mãos e ficamos com tudo engordurado. Depois nos limpamos com guardanapos de papel. Lembra dos guardanapos de papel?

Não havia possibilidade de que ela tivesse me ouvido falar no rádio. O sinal não era transmitido a outro continente. Eu não falei sobre a coincidência porque pensei que ela não acreditaria. Era inusitado demais.

– Que estranho isso. – eu disse.

– Talvez eu esteja próxima de morrer, por isso estou tendo tantas lembranças vivas do passado.

– É, já ouvi falar que isso acontece com a idade. A verdade é que nossa hora está quase chegando.

– Já passamos por coisas demais.

– Verdade.

– Vou molhar as minhas flores agora. A gente se fala semana que vem.

– Tá certo. Parabéns pelo novo membro da família. Tchau.

Eu fiz chá e fui para o quintal sentar em um banco. De lá, via a minha amoreira, que eu plantara muitos anos antes e agora estava alta e com troncos grossos, seus galhos fazendo muita sombra em todo o terreno. As cenouras sob a terra pareciam estar quase prontas para colher e algumas galinhas batiam as suas insossas asas enquanto vasculhavam o chão atrás de minhocas. Eu pensei ter ouvido grilos e entrei. Não era o telefone. Fui deitar um pouco.





# ○ HOMEM DA LUA

**Daniel Murta** é psicólogo graduado pela PUC Minas, professor de inglês, crítico de cinema, roteirista e escritor. Apaixonado pelas palavras e pelo audiovisual, tem produzido conteúdo crescente com enfoque no cinema e televisão, onde pretende atuar profissionalmente.

**U**m humano na terra que nunca tenha ido ao espaço, há de fantasiar sobre o mesmo em algum momento – ou em muitos momentos – da vida. Pouco existe de tão fascinante quanto à vastidão do cosmos.

Para os que já estão no espaço, as coisas nem sempre são tão interessantes assim.

Indivíduos como Rafael Laguna, brasileiro de nascença, designado à base lunar Latino-Americana *Kylia*, tendem a perder o fascínio rapidamente. Rafael é mecânico estrutural e compõe o núcleo de assistência e reparo de todo o maquinário que constitui a instalação.

A paisagem como a vista da Lua é uma imensidão negra, ora vazia e aterradora, ora salpicada de pontos de luz brilhantes. Ocasionalmente, tal cenário é acrescido de um encantador planeta azul. Rafael, que se considera um “peão espacial”, acredita piamente que a admiração dos astros cabe aos sonhadores e cientistas. Depois de uma semana vivendo em *Kylia*, já nem lançava um olhar quando passava pelas janelas, assim como os terráqueos tornavam-se insensíveis à vista das próprias janelas.

Rafael também logo se cansou do outro grande atrativo do espaço, a falta de gravidade. Já dava sinais de desinteresse logo em sua chegada. O primeiro passeio externo na Lua era um evento de boas-vindas aguardado. Rafael, que já se considerava aclimatado a não-gravidade, graças ao programa de treinamento, prontificou-se a ser o último do grupo. Se fosse ainda que um pouco mais sisudo, talvez tivesse dispensado completamente o tour. Deu os primeiros passos, pequenos

para um homem, menores ainda para a humanidade, e logo deu-se por satisfeito. Rafael dizia para quem quisesse ouvir que a sensação de leveza estava longe de se aproximar da intensidade explosiva de um rush de adrenalina provocado por um salto de paraquedas ou pela excitação máxima de uma transa bem-feita. Ironicamente, nunca havia saltado de paraquedas e sua vida sexual notadamente falida pouco contribuía para a efetividade de suas observações.

Em meio a reclamações constantes, Rafael era frequentemente questionado “Por que trabalhar no espaço então?”. A resposta era sempre a mesma, mecânica e sem variações, nem mesmo de tom: “Eu entendo demais desse maquinário aqui e preciso de grana”.

A necessidade por dinheiro era a principal engrenagem de locomoção de Rafael desde que se entendia por gente. Nenhuma quantidade parecia lhe bastar e assim acumulava hora extra, adicional noturno, de fins de semana e feriados. O próprio nunca foi capaz de apontar ou assumir a razão de ser dessa ânsia, dada à completa falta de autoconsciência e autorreflexão. Ainda assim, qualquer terapeuta do século XXI conseguiria elucidar essa característica discorrendo sobre a falência financeira do pai que resultou em sua mãe lhe abandonando.

O serviço de manutenção externo se diferenciava do interno meramente pela frequência com que eram necessários. O cotidiano espacial real em nada se assemelha ao fictício, sempre marcado por tempestades solares, fragmentação ou chuva de meteoros. Encanamento, fiação e congelamento correspondiam à vasta maioria das ocorrências que demandavam a atenção de Rafael e dos outros “peões espaciais”.

Numa dessas missões cotidianas, Rafael deparou-se com uma placa de gelo particularmente problemática no exoesqueleto da base. Pelo rádio interno, solicitou apoio de sua colega de serviço, Márcia Gonzáles, colombiana com mais tempo de lua que o próprio Rafael. A total ausência de intercorrências nesse tipo de tarefa tão convencional fez com que Rafael se preocupasse bastante quando Márcia não lhe respondeu de volta. Confirmou o funcionamento do sistema de comunicação com uma breve ligação para o interior, então voltou a chamar a mulher. Mesmo com pouco conhecimento de física relativa quântica, Rafael era capaz de afirmar de boca cheia que o tempo no espaço corria diferente. Assim esperou o que lhe pareceu o bastante antes de deixar a placa de gelo de lado e procurar a companheira de missão.

Encontrou-a parada não muito longe dali, agachada e debruçada sobre alguma coisa. Aproximou-se lentamente, temendo se deparar com alguma cena assustadora. Respirou fundo e tocou no ombro da mulher. Foi Márcia quem se assustou, indo ao chão desajeitadamente, sem o peso da gravidade. Recompôs-se ao som de ofensas em espanhol, que Rafael conhecia muito bem. Mulher carrancuda e séria, Márcia nunca fora afeita de brincadeiras de assustar. Em mais de uma ocasião acertou a fuça de colegas de trabalho que gostavam de pregar peças uns nos outros. Segundo ela, o espaço sideral era dotado de um poder infantilizador sobre os homens, que se matavam de rir encenando clássicos do cinema, fazendo desafios acrobáticos na gravidade zero e urinando dentro dos uniformes. Nisso ela respeitava Rafael, apesar de não simpatizar muito com o mesmo. Simpatia nunca fora o forte de nenhum dos dois.

Recobrada, Márcia prontificou-se a esconder um objeto nas costas. Rafael, sentindo-se idiota pela preocupação, pressionou a mulher até ela revelar o que trazia escondido. Um fragmento de gelo do tamanho de uma maçã. Ao inspecionar a pedra, Rafael notou uma mancha marrom esverdeada. Márcia aproximou o objeto no próprio peito, temendo que Rafael pudesse lhe roubar, enquanto anunciava a descoberta que havia feito. A forma verde se assemelhava ao musgo terrestre, porém na superfície lunar, exposto ao vácuo e a radiação. Rafael contava nos dedos os aspectos da biologia que conhecia. O mais importante deles era que organismos vivos não sobrevivem ali fora. Pelo menos não aqueles que nos são conhecidos.

Com garantias mil de que não faria nada, pegou a pedra em mãos, para analisar em detalhes. A lente do capacete, dotada de um visor de realidade aumentada, era capaz de ampliar imagens, como em um zoom. Nada que permitisse análises microscópicas complexas, mas que no dia-a-dia era essencial para o manuseio de microcircuitos. Ignorando os avisos de Márcia, que dizia já ter feito aquilo, Rafael amplificou a imagem o máximo que pôde sem perder resolução, até enxergar com certa clareza o aspecto definitivamente orgânico da substância, que parecia formada por inúmeros micro-seres.

Devolveu a pedra com relutância, enquanto seu cérebro processava dezenas de possibilidades. Historicamente, o acaso havia sido apontado como o responsável por diversas descobertas notáveis. Em muitas dessas situações, o descobridor tornara-se tão imortal quanto suas descobertas. Lembrou-se de Cabral, que encontrou o Brasil enquanto caminhava para o outro lado do mundo e então sentiu um gosto amargo na boca quando entendeu que o Cabral ali era Márcia, descobridora do que poderia muito bem ser o primeiro contato extraterrestre de terceiro grau. E tudo porque, naquela fatídica manhã, Rafael optara por tomar o caminho da esquerda e resolver o problema mais complicado e que lhe permitiria um tempo maior de solidão.

Enquanto isso, Márcia fantasiava as possibilidades. Seu nome chegando tão longe quanto as colônias de Marte e da lua jupiteriana Europa e de volta para casa, na Terra. Um comitê de honras a receberia na Colômbia, onde seria vista como a maior mulher da história do país. Seu nome inscrito nos livros enquanto a humanidade ainda existisse.

Rafael também visualizava tudo isso, quase como que por transferência telepática. No entanto, o fazia de outro ponto de vista, dotado de um sentimento um pouco diferente. Se a colombiana mal conseguia conter a empolgação, o brasileiro se enchia de uma agonia crescente, fruto de um “quase” tão cruel. Que azar maldito havia lhe caído sobre sua cabeça, que fizera com que perdesse por tão, tão pouco a chance de um prêmio multimilionário. Certa vez assistira numa transmissão ao vivo um grupo de cientistas americanos receber um Nobel pela invenção do purificador de água antirradiação, que tornou a Lua Europa uma fonte de água potável semi-infinita. Na ocasião cada cientista recebeu um prêmio de um milhão de dólares-remimbi, fora as patentes. E Rafael sabia que aquilo não era

nada diante da descoberta de um ser vivo extraterrestre. O lucro de prêmios e a eventual venda do espécime significavam o fim do trabalho e da vida na lua. Tudo isso bem ali, nas mãos de Márcia.

E então o deslumbramento de Márcia transformou-se em medo ao olhar nos olhos de Rafael. Brilhavam arregalados, enquanto o homem se refestelava em fantasias de poder, bem ao seu alcance. Com a voz engasgada, ofereceu a ela uma parceria. A chance de dividir os louros da descoberta. Segundo ele, ambos eram igualmente merecedores e responsáveis, afinal de contas, Márcia só estava ali para descobrir a criatura por culpa dele, que escolheu o serviço mais difícil, a priori, de responsabilidade dela, que tinha mais tempo de casa.

Márcia tentou esconder a indignação o máximo que pôde e refutou o argumento de Rafael de forma polida e formal. Enquanto falava, caminhava para trás, distanciando-se. Rafael deu um passo adiante e a picareta em sua mão se destacou sob o olhar de Márcia, que engoliu seco e mudou o próprio discurso. Decidiu que, ao menos ali fora, à mercê da vontade de Rafael, ceder era a melhor escolha. Propôs uma divisão de lucros 50-50. Rafael nada disse. Optou pelo silêncio pois já havia se decidido.

Saltou para Márcia, como se estivesse embaixo d'água. Ela tentou se virar para correr, mas não conseguiu. Largou a pedra com o organismo vivo enquanto a mão de Rafael empurrava sua nuca contra a parede externa da base. O primeiro golpe, amaciado pela falta de gravidade, trincou o visor do capacete. O segundo golpe, partiu-o por completo. Márcia se contorceu, enquanto seu corpo era congelado e o sangue vertia por todos os seus orifícios, dada a pressão externa.

Rafael largou o corpo da mulher e o observou ir ao chão lentamente. Parecia um balão murcho, com linhas de sangue se espalhando como tentáculos.

Não tardou a encontrar a pedra de gelo, caída e intacta, pela queda em baixa velocidade. Sorridente em delírio, mandou um pedido de socorro para a base, clamando que Márcia havia se acidentado. Extasiado, demorou a entender o comunicado da base de que seus sistemas de manutenção vital estavam se desligando um a um. Quando finalmente compreendeu o alerta, olhou para o próprio corpo. Encontrou um rasgo imenso e letal na própria cintura.

Bastou um relance para que Rafael avistasse a chave de fenda entre os dedos enrijecidos de Márcia. A falta de oxigênio lhe sufocou antes que pudesse ter qualquer reação de raiva ou arrependimento. Morreu em instantes, asfixiado em extrema agonia, completamente sozinho. Nada muito diferente de sua vida.

Quando a equipe médica resgatou os corpos, não tardou em encontrar a pedra de gelo com um aparente ser vivo incrustado em sua superfície. O responsável imediatamente comunicou o departamento de pesquisas biológicas, que recolheu a amostra para análise. Confirmaram rapidamente a própria teoria. A pedra de gelo continha uma colônia de tardígrados geneticamente modificados e consideravelmente maiores que os outros de sua espécie. Os pequenos animais, também conhecidos como ursos-d'água, haviam sido desenvolvidos ali mesmo, como parte de um experimento, e haviam sido dispersados ali acidentalmente.

Conhecidos pela capacidade de sobreviver em ambientes extremos, na ocorrência de água, estavam em estado de hibernação no casco da base.

Quanto ao destino de Rafael e Márcia, sobrou apenas a especulação, por parte dos colegas. A teoria vigente indicava um desentendimento amoroso transformado em tragédia.



# HIPERMETROPIA

(OU UMA SATIRA AO PERFIL DE  
ESCRITOR ESPECULATIVO ATUAL)

**Chico Milla** é do sertão cearense. É LGBT, sagitariano, já publicou em revistas como *Mafagafo*, participou de mesas na Bienal do Ceará sobre Kafka, adora memes, cursa medicina na Universidade Federal do Ceará nas horas vagas e não sabe como essas informações acrescentam na vida de quem as lê. Quando perguntado por qual razão escreve, gosta de parafrasear Marcelino Freire e dizer que é seu jeito de jogar a merda no ventilador. Adora fazer novos amigos e redescobrir os limites da sua bolha.

Instagram: @ChicoMilla\_7

Twitter: @ChicoMilla\_7

**S**e Deus existe, certamente o bloqueio criativo foi invenção do Capeta. É quase como aquelas visitas inconvenientes que chegam, pedem café e começam a falar do barraco da vizinha com o síndico sem perceber que você tem mais o que fazer. Mais dia, menos dia, ele chega e faz você pirar quando não consegue escrever o último arco do tão planejado livro 1 da tão sonhada trilogia. Foi assim comigo.

Irlanda. Elfos. Castelo de Hurtek. Espada. Poção da imortalidade. É um atalho e tanto; escrever palavras que te levam ao que há de mais bacana na sua cabeça, mas sem vínculo nenhum com verbos ou cenas. Depois de tudo posto no papel, é a hora de trabalhar a narrativa que vai englobar todas essas referências buscando o máximo de originalidade. Tinha aprendido num blog que sequer lembro o nome, mas naquele dia nem essa técnica estava funcionando. A criança. Maldição. Vingança. Sangue. Poder. Não saía mais nada além das palavras.

Foi quando me levantei e andei pelo quarto, talvez caminhar ajudasse. Vi longe, muito depois do vidro da janela, carros e ônibus voando sob a vigília dos Andróides de Trânsito, os semáforos abrindo e fechando, as ruas indo de vento em popa. Olhei melhor e vi a vida passando depressa enquanto eu estava ali, produzindo minha literatura sem saber quando, de fato, eu ia alcançar o sucesso. Lápis. Cabeceira. Óculos. Tapete francês. Quadro na parede; ilustração de Arthur Grunder. Teto.

A Mercenária, era assim que eu chamava aquela ilustração. Tratava-se duma mulher dançando, entre tiros, granadas e flechas, enquanto limpava a própria armadura prateada e disparava mísseis pelos olhos. Não sei, talvez fosse um

biquíni metalizado, era difícil dizer o que vestia. Os traços e as cores do quadro me remetiam ao futurismo, aquele viés artístico onde o estático ganha movimento e vez. E sons. A imagem era música. Já seguia seu ritmo, quase que dançando, quando algum imbecil decidiu interromper meu momento de transpiração.

Alguém batendo na porta. Toc-toc 4 vezes.

Fui rápido saber quem era, sobre o que era e se era realmente urgente ou se estavam me incomodando por alguma besteira. Sempre fui daquele tipo de gente que odeia ser interrompido, todo artista que se preze o é, no fim das contas. De peito cheio, pulmões inflados, eu já me preparava para reclamar quando abri a porta e fiquei de frente a criatura mais linda e adorável de toda a galáxia.

– Pai, eu tenho uma coisa pra te dizer. – Era Martin, meu filhinho caçula.

Veja bem; uma criança loira de oito anos segurando um pirulito de morango com a cara toda melada. Consegue pensar numa coisa mais fofa?

– O que foi, meu bebê? Cadê a RD-79? – Perguntei pela empregada. Ela devia ficar cuidando dele, divertindo-o enquanto eu escrevia.

– Deve está fazendo o almoço. Eu tenho uma coisa pra te dizer.

– Mas ela... – Indaguei botando a cabeça para fora do quarto.

– EU TENHO UMA COISA PRA TE DIZER!

Fiquei paralisado. Martin não era do tipo de criança que gritava.

– O que foi? Algum garoto te incomodou no colégio? – Perguntei numa falha tentativa de prever o que ele diria. Parecia bem, não estava machucado.

– Não. Na verdade, quero dizer que sou um... Não há palavra no português, espanhol ou qualquer uma destas línguas que vocês falam só para parecerem povos diferentes que me defina. Não obstante, creio que o termo mais adequado seja Alien. Eu sou um Alien, pai.

Sabe quando você gargalha por conta de um meme idiota de internet como se o mundo fosse acabar? Aconteceu a mesma coisa comigo. Meio ao riso, pensei que talvez Martin estivesse assistindo filmes de Sci-Fi demais, quem sabe lido algum livro retrô ou até mesmo alguma série antiga que falava do futuro, gravada quando quase nada era robotizado. Não sabia ao certo, e sendo bem sincero pouco importava. Decidi então me ajoelhar, tocar seu rostinho redondo e:

– Eu sei, também sou um Alien. Hoje você teve aula de Escrita Criativa?

– Não estou brincando. Não uso, em momento algum, dos tantos artifícios supérfluos que vocês usam nos seus programas de humor. Eu sou um Alien...

– Seus? – Questionei sem conter a risada. Era engraçado vê-lo usando aquelas palavras, fruto de tê-lo colocado no teatro desde os quatro anos.

Se não fosse por isso, pelas aulas de dramaturgia, juraria que tinha algo diferente nele. Mas não, Martin deveria estar só pregando um daqueles trotes de internet. Uma moda bem antiga, desde o tempo que eu era criança; sacanear os pais, irritar os vizinhos, fingir acidentes para postar no YouTube e ganhar views... Foi ali que pensei; a criançada de hoje não é tão diferente assim da de antigamente.

– Filho, aliás, Alien, só um minutinho. – Pedi enquanto ia até a cozinha.

Cheguei lá rápido, com a meta de voltar mais rápido ainda. Assim que pus os

olhos no fogão a vi, a RD-79, a andróide (ou ginoide, não sei qual a diferença) que contratamos para realizar os deveres de casa, fazendo o que muitos trabalhadores fazem quando seus patrões tiram uma folga, quando deixam de vigiar por um minuto sequer. Era programada para aquilo, para cuidar da casa e mesmo assim insistia em sair da sua função. Quase como quem se gradua em Matemática e quer escrever literatura.

Quando dei o flagra fiz questão de cruzar os braços e esperar que ela me notasse; RD-79 estava mexendo três painéis diferentes com seus braços robóticos e segurando um livro aberto com o quarto braço. Era uma fanzine, aquelas impressões amadoras que alguns artistas independentes dobram e vendem bem mais caro que o preço de produção para financiar seus próprios projetos. Mesmo de longe soube do que se tratava; era o conto “A banana sideral” de Oziel Herbert, um cineasta. Coisa do século passado, coisa velha e demodê.

Mas sendo bem justo, não importava o que lia, qual o gênero ou que escritor estava lendo. O fato era que lia em serviço como se estivesse no conforto da sua casa, como se as obrigações de cozinheira, faxineira e governanta não fossem o suficiente para mantê-la ocupada. O cúmulo do absurdo, diga-se de passagem.

– Muito bonito, não é, RD?

Quase deixa a fanzine cair dentro duma das painéis.

– Oi, patrão. O que deseja?

– Que você cuide do Martin. Eu preciso escrever, não dá pra botar dinheiro dentro desta casa se não conseguir me concentrar. – E saí.

Eu não ganhava tanto, naquele mês duas submissões minhas, para revistas diferentes, foram recusadas. “A vingança dos elfos” e “A grande revelação”, o primeiro conto era inspirado na mitologia nórdica e falava dos casamentos entre 1 homem e 12 mulheres naqueles povos, já o segundo era uma sátira a um suposto diálogo entre Zeus e Ares, da mitologia grega. Apesar dos bons plots e das horas e dias que passei escrevendo, não foram selecionados. Deve ser coisa de editor que deseja valorizar o cenário nacional e não lê direito o que recebe.

Por enquanto meu marido bancava tudo, da picanha com vinho branco ao colégio do Martin, ao menos até o dia que me estabilizasse como escritor. Queiroz, o chamavam assim. Era quem comandava o escritório de advocacia da família e, sempre que convocado, defendia aqueles clientes que precisavam de um milagre no tribunal. Era um advogado famoso pela capacidade de reverter situações. Eu escrevia, trabalhava no meu primeiro romance duma trilogia fantástica.

Quando voltei ao quarto, Martin tinha desaparecido. Não de vez, para sempre. Só fora para a sala brincar com seus carrinhos e soldados.

Anões. Mistério. Medo. Piadas no meio das lutas. Fenrir. Foi aos poucos que a inspiração para escrever voltou e, devagar e sempre, fui rascunhando algo sobre a batalha final. Pensei que Katarina e Bob, os melhores amigos do protagonista, eram as personagens ideais para matar Vidar, o deus da vingança. Isso mesmo, afirmei às paredes do quarto dizendo que seria uma virada e tanto no enredo. Feitiços. Flecha Perfurante Suprema. Trovões. As palavras fluíam de novo, a história também.

Será que ele sempre foi assim e eu nunca percebi? O pensamento me ocorreu de súbito, quase como aquelas ideias ruins que brotam do nada e nos fazem levantar a cabeça. Pensava em Martin, na sua brincadeira e do quão incomum era ele mentir daquele jeito. Era um garoto meigo, calado, do tipo de criança que tirava notas boas, comia brócolis, que nunca reclamava da escola e respeitoso acima de tudo. “Um filho de dar inveja em qualquer pessoa”, era isso que meu marido dizia aos nossos amigos e parentes quando queria elogiá-lo. “Uma benção”, eu concordava em seguida.

Toc-toc 4 vezes na porta, pela segunda vez.

– Martin... Cadê a RD-79? Ela não está cuidando de você?

Estava só de cueca e pingando de suor. Logo supus que corria em círculos ao redor do sofá enquanto brincava com a empregada.

– Estava, mas foi na cozinha tirar a carne do forno. Ficou pronto logo porque eu adiantei o processo com minha mente. Podemos conversar agora, reles humano?

Só consegui rir. Era um menino tão sozinho, sem animais de estimação ou amigos. Pensei nisso ao escolher as melhores palavras para respondê-lo.

– Está com calor, meu bebê? – Era uma pergunta retórica.

Em Fortaleza sempre fazia calor, ainda mais em dezembro quando o sol castigava a humanidade pelo aquecimento global. Era o período onde todo mundo, fosse adulto, idoso ou criança, tinha uma vontade louca de arrancar as roupas do corpo, jogar uma jarra d’água gelada na cabeça e correr feito louco para se refrescar. Era uma das muitas peculiaridades daquele lugar, um paraíso onde os dias de chuva e céu nublado eram mais comemorados que o verão.

– Já negociamos com os norte-americanos. – O garoto indagou. Encarava-me com os lábios estreitados e as sobrancelhas baixas e juntas.

– Ok, Martin. Vá se trocar. Seu pai vai chegar logo e você sabe como ele chega estressado. Vá lá, se vestir. Mas cuidado quando for vestir seus tentáculos, por que...

– Vou falar só mais uma vez; eu não estou de brincadeira, humaninho de merda. – Seu semblante transmutou. Estava determinado a não me obedecer.

Pensei em repreendê-lo pelo palavrão, mas entrei naquele joguinho.

– O que o senhor quer então, Sr. Alien? – Questionei ficando de joelhos. Era minha última tentativa, aproveitando a pouca paciência que me restava.

– Em primeiro lugar, mais respeito. Em segundo... Bem, tenho que explicar algo. – E coçou a cabeça.

Foi naquele instante – naquele milésimo de segundo – que notei que, embora Martin fosse extremamente loiro, ninguém na minha família nem na do meu marido possuía aquele traço biológico. A barriga de aluguel foi a irmã mais nova do Queiroz. Éramos todos morenos, no máximo tínhamos o cabelo castanho claro de grau 2. Claro, a terapia genética em gestações aprovada pelo Congresso já era permitida, tanto é que escolhemos algumas das feições de Martin como a quantidade de pelos que teria ao longo do corpo. Contudo, eu não sei se é possível escolher algo que não existe como opção.

Fui assaltado de súbito por flashes. Luzes. Memórias. Recordei um determinado encontro de família onde algum primo disse que nenhum dos traços do rosto de Martin me lembrava, por mais que tenham sido meus espermatozóides os usados para gerá-lo. Eu acho que parece com a mãe (digo, tia), questão encerrada. Mas, como aqueles pedaços de pipoca que você não consegue tirar do dente, aquilo me deixou inquieto. Perguntei-me se todas aquelas lembranças eram mesmo memória ou só minha imaginação concordando com aquela brincadeira de criança. É incrível a criatividade de alguém de oito anos.

– Pois bem, pode falar. – Pedi ainda na frente da porta do escritório. Não iria chamá-lo para entrar, não era lugar para criança.

– Você não é meu pai, nem a barriga de aluguel que vocês contrataram é minha mãe, nem minha tia. – Confirmou de olhos arregalados, quase como se lesse minha mente. – Tudo que vocês sabem sobre mim, meu nascimento, documentos e derivados foram implantados, forjados como uma maestria profissional. Eu sou de um planeta orgânico desconhecido e distante, muito distante mesmo. Estou aqui para investigar a Terra como um todo, como espécie dominante. Há, assim como eu, mais cinco homólogos que espionam em outros países. Eu aqui, no Brasil, um agente na Argentina, outro na Lituânia, um em Moçambique e dois na China, no extremos longitudinais.

– It's clean, mas espere... – Entrei no jogo de vez.

– A missão, porém, será abortada em duas horas humanas. – Me interrompeu. – E teremos que iniciar o que vocês chamam de... O próximo passo.

De repente, os olhos de Martin piscaram 4 vezes e emitiram uma luz que eu não pude deixar de notar. Não 1, não 7, mas quatro vezes.

– E por qual motivo você está me contando isso? – Com uma seriedade de pôr medo em militar, o fuzilei com meus olhos. Enfim, jogávamos.

– Pelo único, simples e exclusivo motivo de que eu preciso de amostras biológicas vivas. Vocês, tu e o Queiroz, seriam ideais e, em troca de tal condição, eu os deixaria vivos. Vocês só tem que vir comigo até...

– O quê? Para onde vamos? – Queria saber mais.

– Acima das nuvens tem uma...

– Certo. – Foi minha vez de interrompê-lo. – Se isso vai acontecer, só vai ser daqui duas horas. Você podia vir me chamar aqui no escritório quando faltar uns 15 minutos? – Tive que ser forte para conter meu riso. – É que eu estou escrevendo uma história e estou no meio do meu processo criativo, aí...

– Certo, reles humano. Voltarei daqui a 1 hora, 44 minutos e 39 segundos. – E saiu correndo na direção da sala.

RD já devia ter voltado da cozinha, foi o que pensei. Não era possível que tirar uma carne do forno demorasse tanto.

Balar, o rei dos demônios. Traição. Um homem arrancando, depois de uma batalha incansável de horas, o coração duma divindade com as próprias mãos. Estava ficando bom; era só o que eu conseguia pensar. A batalha final, aquela do penúltimo capítulo, devia dar os motivos certos para que o leitor pedisse pelo

segundo livro da série. Já estava planejado, claro. Mas, como bem disse o Coringa no Batman do Nolan, de 2008: “Se você é bom numa coisa nunca a faça de graça”. Enfim, escrevia.

Revi alguns trechos dos capítulos 5 e 7, os banquetes deviam ser suculentos até para quem lê, olhe lá para quem vive a cena. Bolos de chocolate branco. Pizzas. Sanduíches. Coca-cola. Foi no meio de uma dessas edições que notei que um ciclo não fechava; a profecia dita no começo do livro não era retomada, não era sequer mencionada. Não soube onde encaixar, mas eu precisava dela. Era fundamental que o romance fosse claramente um arco, com tudo se fechando numa forma épica.

Profecia. Profecia. Profecia. Não vinha nada. Foi quando ouvi os gritos da RD-79 lá fora, ao que me parecia ser da sala, e saí correndo feito um desesperado. Como eu já devo ter dito, não tem coisa que um escritor odeie mais que pessoas interrompendo seus processos criativos por motivos descabidos. Ela me pagaria, era fato, não aguentava mais sua incompetência.

Ainda no corredor repensei minha raiva e considerei que, talvez, fosse uma situação realmente séria. A programação era bem clara; só em caso de emergência seus circuitos comportamentais permitiriam berros, gritos ou aumento de volume de voz. Deduzi que algum vizinho estava se jogando do prédio ou que tinha algum defeito no circuito mesmo, e essa segunda opção significaria um grito infundado naquele condomínio onde se brota mais multas por ofensa ao convívio social que gente viciada em reclamar da produção nacional de fantasia.

Quando cheguei lá, ao contrário de tudo que cogitara, vi uma das cenas mais bizarras que um pai pode ver.

– Fica de joelhos, intruso! – Era RD-79 que berrava com as 4 mãos no modo de combate; transformadas em pistolas que miravam a cabeça de Martin.

– Para com isso, sua idiota. – Martin rebatia.

Apesar da ameaça clara, meu filho continuava parado com as sobrelhas juntas e baixas, olhos úmidos e lábios trincados. Raiva. Não parecia meu bebê e, se eu tivesse pensado bem, veria que também não parecia uma criança normal, que morre de chorar quando cai e arranha o joelho. Tinha olhos afrontosos e arregalados de quem não tem medo, quase como se um único disparo não fosse o suficiente para que o pior acontecesse.

– RD, por favor, abaixa essas armas. – Pedi aveludando minha voz.

– Código 778; ordem impossível de ser obedecida. Risco de vida.

– Oi? É Martin, meu filho!

– Sensores indicam que não. Não mais.

E as armas lá, mirando os pontos vitais do meu filhinho. Só um milagre divino podia nos ajudar, isso se Deus existisse.

– COOPERE, ROBÔ! – Era Martin quem falava de novo. – Você só tem uma chance de sair ilesa... – Continuou cada vez mais e mais vermelho, tornando-se um pimentão.

– Aviso 3. – Informou ela, acionando os olhos-de-neutralização.

Gargalhadas ecoaram pela casa inteira. Não minhas, de assistir aquela

brincadeira de mau gosto. As gargalhadas vinham de Martin. Dele, sim, de Martin. Enquanto ria se deixou avermelhar mais e mais, trincou os dentes e tudo. Mas não tinha aquele direito, era só uma criança, achei que fosse. Embora a criatividade do meu filho estivesse me surpreendendo, aquela coisa toda já estava indo longe demais. É estranho escrever isso. Estava confuso, ainda estou um pouco, quem não ficaria?

Além, claro, de nervoso. Senti minhas mãos tremerem enquanto RD o mirava como se fosse um criminoso. A temperatura subia, decolava na verdade. Vi os dentes de Martin trincarem, senti que a qualquer momento iam quebrar. Foi quando os sensores da andróide dispararam e começou a se aproximar para neutralizá-lo de vez, andando na sua direção aos poucos para desempenhar sua função de segurança da família... Bem, fica difícil cumprir algum papel quando um raio vermelho sai dos olhos duma criança e derrete todos seus circuitos.

Foi ali, imerso no odor daquela carcaça liquefeita, que vi Martin resmungar algumas palavras numa língua estranha com as duas mãos no rosto. Era sua maneira de se comunicar. Meio aos sons, que ora pareciam urros, ora gemidos, caminhou até a janela enquanto sua pele saía do vermelho e entrava no verde. Ao chegar lá, olhou para trás, encarou os restos da RD e pulou do quarto andar. Corri para ver o acidente, para ver a próxima cena.

E eu vi. Vi com esses olhos que o fogo há de cremar. Vi, antes dele chegar à altura que equivaleria ao terceiro piso, meu antigo filhinho se transmutar num pássaro também verde e voar em direção às nuvens que escondiam sabe lá o quê. Era rápido, tanto quanto um jato, penso. Também fui rápido no gatilho se tratando daquela emergência; liguei para a polícia e expliquei o caso enquanto esperava as autoridades sentado no sofá, ainda trêmulo, imerso naquele cheiro de cadáver robótico. Foi lá, sentado e aguardando, que deixei cair o queixo, as pálpebras e a ficha. Era surreal, absurdo... O quanto aquilo...

Medo. Comodismo. Perversão. Arte.



# A7021

**Raquel Figueiredo Roza** nasceu em 2001 em Belo Horizonte. Estuda Letras na Universidade Federal de Minas Gerais. Com uma ampla imaginação e gosto por ficção científica, ela sempre gostou de criar histórias e imaginar universos alternativos. Seu primeiro conto a ser publicado é o que se encontra nesta revista.



sol está se pondo e eu sinto sobre o meu rosto a brisa, levemente quente, me queimar. Escuto o sino tocar, era hora de me recolher. Pego a cesta com as espigas de milho e caminho para o fim do extenso milharal, assim como todos os outros jovens trabalhadores. Coloco a cesta sobre o balcão de recolhimento e pesagem. Sete quilos e cem gramas. Aquela era a minha última cesta do dia, por pouco não cumpro a minha meta. Entro na fila que se formou em uma das saídas da plantação para fazer a vistoria. Chega a minha vez e elas começam a me revistar; sou liberada, pois não carregava nada comigo.

Caminho até o meu dormitório, onde novamente sou revistada. Ao entrar, todas já estavam presentes. As meninas me olham ansiosas, mas ainda não era a hora, ainda estávamos sendo vigiadas. Tomo o meu banho e me preparo para dormir; me deito em minha cama e as luzes se apagam.

– Já está na hora? – escuto uma voz infantil e distante dizer.

– Shhh, quando for a hora, ela vai dizer.

Eu sei que elas estão ansiosas. Então, sem demora, pego a minha lanterna, para usos em caso de emergências, e a acendo. Todos os olhares voltaram-se para mim.

– Sim – digo – está na hora.

Todas saem dos respectivos beliches em silêncio e se aproximam de onde estou. Há meninas por toda a parte, de diferentes idades, porém todas jovens. Elas estavam no chão, nas camas, e algumas estavam em pé; todas curiosas para saber qual seria a história da semana, a última história a ser contada por mim. Agora que tenho a atenção de todas, começo:

– Há muito tempo, com o objetivo de facilitar a vida do homem, foi criada a primeira máquina. Todos estavam felizes, pois sabiam que ela seria muito útil. Mas os homens se tornaram muito gananciosos, eles queriam mais inovações. Construíram as máquinas para que elas fizessem de tudo. Porém, as pessoas começaram a se isolar, elas não conversavam mais, estavam presas em um mundo imaginário, um mundo que elas mesmas tinham criado. Elas não precisavam mais trabalhar, eram servidas de dia e de noite. As pessoas deixaram as preocupações de lado. Então, um dia um homem decidiu que a culpa do mau comportamento humano era das máquinas, e ele se revoltou, ele queria destruir todas elas, pensava que assim o problema seria resolvido. As máquinas não gostaram disso, elas sabiam que os humanos eram maus administradores, eles quase haviam destruído o planeta! Então elas decidiram que seria melhor que elas tivessem o controle, elas eram mais fortes, e as pessoas entenderam que elas tinham razão; com elas no comando, não teríamos mais acidentes. Só que as máquinas perceberam que elas estavam muito acima de nós, então elas passaram a recusar-se a trabalhar, o homem é quem deveria ser o servo. Foi assim que nós começamos a trabalhar para elas, e, em troca, ganhamos um nome novo, comida e moradia, assim como é hoje. Mas antes nós recebíamos uma medicação que nos impedia de sentir qualquer coisa: raiva, ódio... mas era muito difícil de fabricar...

– A C5097 disse que esse remédio ajudava a gente a não ficar com raiva das máquinas.

– Não é mentira, mas o real objetivo era que nós não ficássemos tristes, só que a substância que eles usavam para fazer o remédio se esgotou. Com isso, nós tivemos que nos dividir, as meninas dos meninos, assim como os que trabalham com a produção de comida e aqueles que trabalham nas minas.

– Você vai para as minas? – aquela pergunta me paralisou.

– Sim, mas não se preocupem, tudo vai ficar bem.

– Nós não queremos que você vá para lá.

– Eu também não quero deixar vocês, mas vocês sabem como são as regras. Depois de amanhã eu completo dezoito anos, e então eu terei que mudar de setor.

– Mas quem vai contar as histórias?

– Outra pessoa pode contar – um barulho chama a nossa atenção. – Acho que já está tarde, amanhã nós temos que acordar cedo. Boa noite, meninas; e tenham bons sonhos.

Rapidamente eu desligo a minha lanterna e me deito, ouço algumas vozes reclamarem pela falta de continuação da história, mas eu não poderia continuar. Em um dia eu seria transferida para as minas, um lugar que eu não conhecia e que me disseram ser apavorante, no qual várias pessoas morriam asfixiadas ou soterradas. Além disso, eu teria que deixar todas ali, e isso partia o meu coração. Várias pessoas tinham nos deixado para ir para as minas, a falta que sentíamos era terrível, mas nada comparado a quando você é a pessoa a ter que deixar os outros.

Por pouco eu não consigo dormir. Quando acordo, com o barulho da sirene, o dia é como todos os outros. As máquinas fazem a contagem de quantas pessoas

havia no dormitório, para se certificarem de que ninguém tinha morrido ou fugido, o que era comum naquelas circunstâncias. Saio do dormitório e vou em direção ao refeitório, onde recebo o meu café da manhã. Logo após, vou para a plantação de milho, pego uma cesta e dirijo-me à fileira designada.

Como em todos os outros dias, sinto o sol me queimar, porém o vento me sufoca, o dia está menos úmido do que os outros, o que dificulta a respiração. A sirene toca, era hora da primeira refeição. Cada espiga de milho é como uma contagem regressiva, e, para a minha tristeza, o tempo passou mais rápido do que eu esperava. Por mais que eu esteja ansiosa para o fim do dia, pois então encontraria o número A8329, temo o futuro próximo.

Ouço a terceira sirene tocar e eu corro para fazer a pesagem da cesta e ir ao encontro do A8329. Vamos nos encontrar no campo, e eu não quero me atrasar. Quando chego ao local, ofegante pela corrida, ele já está lá.

– Achei que você não viria – ele diz.

– Você sabe que eu sempre venho – eu digo, e ele sorri.

Eu sento-me ao seu lado, em direção aos alojamentos e às enormes plantações. Atrás de nós, não havia nada além de uma montanha sem vida. Aquele era o nosso lugar, em que podíamos olhar o pôr do sol, a única coisa digna de ser admirada. Temos quarenta minutos até que os portões dos dormitórios se fechem. Aqueles que ficavam do lado de fora sumiam do mapa como se nunca tivessem existido.

– Como estão as coisas? – ele pergunta.

– Eu não sei. Bem, eu acho.

– Está com medo?

– Um pouco.

O A8329 era apenas um mês e três dias mais novo. Nós nos conhecemos quando éramos crianças, quando estudávamos sobre agricultura; foi quando descobrimos esse lugar que se tornou o nosso refúgio. Sempre nos encontrávamos aqui.

– Qual foi a história que você contou?

– Hmmm, um pouco sobre a humanidade. Mais sobre o porquê de nós vivermos assim.

– Contou a história verdadeira ou a sua versão?

– A minha versão é melhor, você sabe disso.

– Elas precisam saber a verdade, você não deveria esconder isso.

– Não posso, elas são muito novas e nós sabemos que não tem como escapar desse sistema. Estamos condenados a viver assim. Contar que mais da metade da população foi exterminada por uma coisa que nós criamos só as deixaria assustadas e com medo.

– Eu não acredito nisso – ele se vira para mim. – Elas precisam saber, por que assim, talvez, nós conseguíssemos fugir disso. Eu pensei sobre como a forma que vivemos é injusta e eu não quero mais viver assim e você também não deveria querer.

– E o que nós vamos fazer?

– Nós deveríamos fugir, agora - ele olha para trás. – Nós não sabemos o que pode existir lá. Talvez tudo o que nos contaram seja mentira, talvez em algum lugar

distante daqui exista algo. Já faz tempo que a natureza foi destruída, talvez exista alguma coisa que se reconstruiu.

– Nós não podemos fazer isso, você sabe, não tem como se esconder, seríamos achados facilmente e depois mortos. Talvez exista algo, mas a chance de não existir é maior. E o que vai acontecer? Vamos morrer no meio do deserto?

– Vamos morrer aqui mesmo, qual a diferença? Pelo menos teríamos tentado.

– Não podemos abandonar os outros, tem que haver outro modo.

– Que modo?

– Eu não sei – confesso.

Estamos em silêncio. As palavras dele tinham uma forte influência sobre mim, eu sabia que ele tinha razão, mas não poderia nos comprometer daquela forma.

– Eu trouxe um presente para você, de despedida.

– O que? – sorrio.

Ele coloca a mão dentro do bolso e retira uma corda feita com palha trançada, e diz:

– Enquanto eu estava trabalhando, eu encontrei um pedaço de algo que eu não sei o nome, mas tinha a imagem de uma mulher com isto nos braços, lá dizia que o nome era pulseira. Não era exatamente isso que eu vi, e eu sei que pode não parecer um presente, mas eu fiz isso por que eu não quero que você se esqueça de mim.

– Você sabe que eu nunca me esqueceria de você.

Ele pega em meu pulso, esticando o meu braço e amarrando a corda de palha trançada. Ela se transforma em algo que eu nunca tinha visto ou pensado, mas era encantador.

– Obrigada pelo presente, eu adorei, ela é linda – eu agradeço.

– Você sabe que eu te amo, não sabe? – Ele diz de repente.

Aquela pergunta me deixa desconfortável, eu sabia que sentia a mesma coisa por ele, mas, naquelas circunstâncias, envolvimento amorosos eram fatais. Nós provavelmente não nos veríamos de novo, eu não poderia deixar que ele sofresse daquela forma. E, por mais que quisesse, algo me impedia de fugir.

– Você sabe que isso não funcionaria – ele me olha desapontado. – Acho melhor nós irmos, senão os portões irão se fechar – eu me levanto e o deixo sentado sobre a grama seca.

Sem olhar para trás, volto para o meu dormitório e sou revistada. Evitando as meninas vou ao banheiro, tomo o meu banho, me arrumo e me deito, sem conseguir evitar os olhares piedosos e tristes que todas me lançam. Logo pela manhã, durante a primeira contagem do dia, as máquinas me levariam para as minas, eu já tinha visto isso acontecer milhares de vezes, sabia como proceder e agora era a minha vez.

Acordo, eu estou em um quarto, completamente branco e vazio. Eu me levanto e percebo que as minhas roupas tinham sido trocadas por uma calça e uma blusa também brancas. Por sorte, a pulseira ganhada ainda estava em meu pulso. Uma porta que eu não havia enxergado se abre e um homem entra, ele também usa roupas brancas.

– Senhorita A7021, ou como nós a chamamos: Projeto 103. Vejo que já despertou. Você passou bem a noite?

– Sim. Onde eu estou? – Respondo.

– Que bom – ele sorri forçado. – Essa sala não é muito aconchegante, eu sei, e também vejo que a senhorita não reconhece um hospital, certo?

– Na verdade, não. Eu nunca fico doente.

– Sim, eu sei. Por favor, calce os seus sapatos e me acompanhe.

Sigo o provável médico, e sou levada por um corredor vazio. Tudo era completamente branco, o lugar era mais apavorante do que eu imaginava. Já tinha ouvido relatos de muitas pessoas que ficavam doentes ou se machucavam que iam para o hospital, algumas delas voltavam, outras não. Ninguém sabia ao certo o que acontecia aqui, pois todos que estiveram nesse lugar estavam muito drogados para terem uma lembrança nítida dos acontecimentos. Entramos em uma sala, onde havia milhares de cápsulas gigantes e enfileiradas, uma atrás da outra, de forma bem organizada.

– O que são essas coisas? – pergunto.

– Seus irmãos – o homem responde, sem se virar e sem alterar os seus passos.

Como aquelas coisas poderiam ser meus irmãos? O medo me apavorava cada vez mais, mas não tinha como escapar, eu não conhecia o lugar e não saberia como sair dali. De repente, o homem para e abre mais uma porta invisível, porém ele permanece do lado de fora e vira-se para mim.

– Por favor, entre.

Eu continuo a caminhar, hesitante. Tento encontrar uma saída, mas em vão. Quando me vejo, já estou dentro da sala e a porta se fecha. Ela é bem arejada e iluminada, a ponto de eu não conseguir enxergar, porém nela há algo de desconfortável, e sombrio.

– Impressionada?

O brilho das luzes é reduzido, agora consigo enxergar algo, e diante de mim identifico uma espécie de máquina, era ela quem falava. Dou um passo para trás, temo o que pode acontecer. Ela era mais sofisticada, diferente dos outros que eu estava acostumada a ver nas lavouras.

– Não fique com medo, eu não vou lhe fazer nenhum mal.

– Quem é você? E por que eu estou aqui?

– Era exatamente isso que eu esperava que você me perguntasse. Eu sou COP01, Comando Operacional Número Um. E estou aqui para te parabenizar pelo seu desempenho, nós estamos significativamente gratos pela sua contribuição. Por favor, sente-se.

Uma cadeira surge atrás de mim. Eu perco controle sobre o meu corpo e me sento sobre ela.

– Suas memórias nos ajudaram muito para o aprimoramento do nosso novo projeto – continua.

– Que projeto?

– Entendo a sua dúvida – faz uma pausa curta. – Quando as pílulas de controle

hormonal foram extintas, precisamos formular outro método eficaz de controle sobre os humanos. Então criamos os Projetos que são robôs humanos, como gostamos de chamar. Eles se infiltram no cotidiano das pessoas e as convencem de que a revolta contra nós é algo infrutífero, além, é claro, de nos ajudar na coleta de dados para os estudos sobre o comportamento humano.

Sinto algo fincar a minha nuca e grito por causa da dor estrondosa que sinto, ao mesmo tempo em que os meus braços são enlaçados por cordas de aço.

– Desculpe o inconveniente. É justamente isso que estamos tentando melhorar. Esses Projetos estão em fase de teste e você foi o mais bem sucedido. Porém, percebemos que você se tornou mais humana do que o esperado, e isso é perigoso para nós. De acordo com a nossa base de dados, você chegou a se apaixonar por um humano, certo? O número A8329.

Nesse momento, de forma involuntária, todas as lembranças começaram a passar pela minha mente, lágrimas se formaram em meus olhos, logo elas começaram a escorrer sobre o meu rosto, pois, além da dor que sentia, as memórias das pessoas mais amadas por mim eram apagadas, uma a uma.

– Não chore, você é apenas um robô. O indivíduo A7021 morreu há um ano colhendo espigas de milho. A nossa sorte foi que nós a encontramos antes de qualquer humano e conseguimos restaurar a sua memória e implantá-la em você. Tudo o que você sente é puramente um erro de programação. Eu prometo que seus irmãos não terão esse defeito, graças a sua ajuda. Não se desespere, você não irá morrer.

Ela se retira da sala e me deixa sozinha, olhando para a parede branca. Em minha mente, eu revia todas as minhas memórias, das mais antigas às mais recentes. Todos os dias monótonos na lavoura, o sol me queimar, todas as histórias contadas no dormitório, cada segundo já vivido por mim, até que a imagem do A8329 surge. Era a memória do dia anterior, e, como se eu revivesse tudo, eu recebo um segundo presente, uma segunda declaração e um primeiro adeus. Vejo o teto do meu dormitório, aquela era a minha última memória antes de ir para o hospital, e, como em um sonho, eu adormeço.

Quando acordo, estou em um quarto, um dormitório semelhante ao antigo. Eu me levanto, a sirene já tinha tocado, estava pronta para trabalhar nas minas. As coisas pareciam as mesmas. A contagem é feita, eu me arrumo para o café da manhã, porém eu percebo algo de estranho em meu pulso, era uma espécie de corda feita com uma palha trançada. Eu não sabia ao certo de onde aquilo tinha surgido, mas me encantava e me trazia um sentimento diferente, de familiaridade. Olho em volta, mas não reconheço os rostos. Decido ficar com o estranho objeto. Termino de me arrumar e vou ao trabalho.





OS  
FILHOS  
DOS  
HOMENS

**Michel Peres** nasceu em Matozinhos, Minas Gerais, em 1982. Formou-se em História e possui especialização em artes. Escreveu artigos para o site Obvious, teve poemas publicados no site Ruído Manifesto, participou de coletâneas como *Mitos Modernos* (Penumbra Livros), *Realidades Cabulosas* (site Leitor Cabuloso), *Cyberpunk – Registros recuperados de futuros proibidos* (Editora Draco) e contos nas revistas *Aversa*, *Mafagafo*, *Trasgo* e *Somnium*.

**E**les passavam devagar, um voo baixo no céu rosa. Dois, dois Taqnia 40, duas sombras grandes andando na terra.

“Ben!”. Olivia falou grande. Ela lá embaixo, perto dos restos dos domos. O Heinkel também lá embaixo, portas abertas. Olivia acenou. Seu rosto brilhava azul no capacete. Pulei na sua direção, pisando em pedras. Ventou passou minha cabeça.

Olivia segurava a caixinha de luz. Encarou ela e falou alguma coisa. Ela respondeu. A caixinha falava às vezes. Quando cheguei perto, a mão de Olivia encostou meu ombro, depois a mão apontou pra terra. Os Taqnia já iam longe.

“Aqui, Ben. Pode cavar aqui mesmo.”

Cavei a terra. Debaixo frio. Sempre frio aqui Utopia. Quebrei o chão branco duro entre os dedos. Duro, mas quebra, duro, mas solta. Tirei placas do chão branco. Gelo. É assim que Olivia chama o chão branco. Eles bebem gelo no Kindah, bebem no souk. Fervem e bebem. Olivia bebe também. Eu não bebo. Nunca bebo.

Quebrei o gelo. Quebrei dois pedaços, um grande, um menos grande. A sombra de Olivia se moveu. Olivia pegou os pedaços. Ela embolsou os pedaços.

“Continua cavando porque está próximo. Aproveita e separa um pouco mais de gelo.”

A sombra diminuiu. Cronch-cronch, fizeram as botas. Na terra fizeram cronch-cronch. Ela esvaziou bolsa na caçamba. O gelo fez barulho dentro da caçamba. Eu vi o sol. Continuei cavando.

Uma ponta vermelha apareceu. Puxei. Presa. Puxei mais. Um pouco mais. O gelo soltou, a ponta vermelha saiu. Como chamava mesmo? Parecia... Taqnia?

Menos grande. Taqnia bem menos grande. Tinha desenhos nele.

Cronch-cronch. A sombra de Olivia voltou. As luzes do capacete de outra cor. Parecia caixa transparente onde morava Baha. Só vive dentro de gelo, o Baha, gelo mole, água. Dentro do capacete cabeça de Olivia parecia ele. Ela falou, não comigo porque não ouvi. Bolsa então veio. Falou pra embolsar mais gelo. Embolsei mais gelo.

Olivia tocou a ponta vermelha, passando o dedo nos desenhos.

“Isso... isso é indiano?”, ela disse. Olhou dos lados, pros domos sem domos. “Aqui era um complexo dos rafiq então... O que acha disso, Ben?”

Olhei pra ela. Muita coisa pra ver: olhos, buraco de comer, sobrancelhas, buracos de respirar. Olhei pra mão dela, a mão grossa com a luva. Olivia não podia ficar sem luva aqui. Eu posso. Não uso luva, não uso capacete. Olivia não podia ficar sem capacete também. Não fora do Kindah ou fora do Heinkel. Quando ela tira o capacete, sinto o cheiro da cabeça, do cabelo dela. O cabelo dela cheira a incenso do souk.

Atrás, o vento soprava. Pontos de terra voaram. O vento começou com fuu-fuu.

{Tempestade aproxi... quinze minutos}, Heinkel disse.

Olivia ficou de pé, devagar. Sempre mexíamos devagar quando fora. Olivia não gostava quando pontos de terra voavam, nem de fuu-fuu. Uma vez largou muito gelo pra trás por causa de fuu-fuu.

“Indiano ou não, agora é nosso.” Ela guardou caixinha no peito. “Coloca a sonda na caçamba, Ben.”

Sonda. Sempre esquecia o nome. Levei pra caçamba, a outra. Olivia entrou no Heinkel. Eu também. Chão seco e empoeirado. A porta fechou. Vento parou com fuu-fuu.

\*\*\*

Voltamos para o complexo. Olivia parou na entrada, depois das portas que respiram. Vários veículos ali. Sempre. Encostadas na parede, crianças viam Olivia tocar minha cabeça, colocar máscara meu rosto. Uma menina fez cara pra mim. Olhei pro chão.

Escuro, quente. Não gosto. Prefiro fora. Nos Kindah todos iguais Olivia quando Olivia sem capacete. Cabeças peludas de cabelo. Mas cabelos nem sempre cheiram bem. Não cheiram a incenso. Não sei por que não tenho cabelo.

Aqui vejo outros Ben. Fazem fila sempre outros Ben ou dentro de Taqnias que andam na terra. Máscaras nos rostos. Olivia disse que fazem túneis e que existem máquinas só para abrir túneis. Sempre abrindo túneis. Olivia falou que não preciso abrir túnel. Acho melhor. Não gosto. Escuro, quente dentro deles. Mas podia ficar perto de outros Ben. Furar terra com eles.

Chegamos souk. Cheio, apertado souk. Fumaça e plantações nas paredes. Gente igual Olivia no meu braço e no outro, na frente e na atrás. Lojas. No souk tem duas lojas gozadas. Não trocam sonda, nem água. Mas têm tanques e tubos. Nos tanques e tubos têm Ben grande, têm Ben menos grande. Vários Ben, vários tubos-tanques. Olivia falava para não olhar.

“Vamos antes que o Faisal feche.”

Passamos ao lado de um Al-Mat'am. Pessoas dormiam nas mesas, garrafas flutuando ao redor delas. Dois velhos, sentados cima de canos, bebiam bebida dourada e mexiam peças num tabuleiro.

“Xeque... mate”, um velho disse pro outro.

Porta da loja do Faisal tinha placa luminosa, sempre acesa. Gosto da loja. Ver coisas, cheirar coisas. Não gosto do Faisal. Faisal não gosta de Ben. Mas Olivia me levou assim mesmo. Nós entramos.

Faisal usava roupa larga e clara de gente do souk. Jalaba. Ja-la-ba. Tinha cor de olho igual de Olivia, um olho. O outro, diferente. Parecia feito da mesma coisa que sonda. Faisal ergueu a cabeça. Ele cheirava a tempero. O souk cheirava a tempero.

“Já falei pra não entrar com esse monstro aqui”, ele disse grande.

A mão de Olivia encostou na sonda. “E como o senhor quer que eu traga essas coisas pra cá? Sozinha?”

“Como vai trazer não me importa. Sabe muito bem que não gosto de alienígenas.”

“Aliení...? Faisal, o senhor sabe que Ben foi feito aqui mesmo. É tão marciano quanto eu, você ou essa mesa aí.”

“Daqui a pouco vai dizer que somos todos irmãos.”

“Em parte, somos sim”, Olivia disse. “Ele tem uma porcentagem humana, esqueceu?”

Faisal fez aquele barulho com boca quando sorri. Mas não sorria.

“O que trouxe pra mim?”

“Ben, mostra pra ele”, Olivia apontou pro balcão. Coloquei sonda no balcão.

Faisal tirou plástico e fez outro barulho com a boca, barulho igual de vento.

“Rafiq?”, ele disse. “Onde conseguiu?”

“Lá em Utopia. Está novinha. Praticamente sem danos.”

Faisal fez cara. Muito confuso. Sempre fazem cara. Fazem cara pra coisa boa, pra coisa ruim. Sempre fazem cara.

“Parece da época da Naya Hastinapura...”, ele disse.

“Os que tentaram terraformação localizada.”

“Isso... Esta sonda deve ter uns cinquenta anos pelo menos.”

A cabeça de Olivia mexeu. “Naya Hastinapura... Nossa...”

“Nem me diga.”

“Verdade o que aconteceu lá?”

“Tá falando do quê? Das histórias de canibalismo?”

“Sim...”

“Parece que foi mesmo verdade.”

“Mas o senhor viveu naquela época.”

“Viver eu vivi, menina, mas nunca morei com os rafiqs. Parece que foi algum problema nas máquinas de terraformação, cálculos errados... é o que acontece quando se louva deuses com cara de bicho.” Ele olhou pra mim. Eu olhei pro lado.

Os dois continuaram a conversar. Falaram sobre sondas, falta de alimentos,

bactérias descontroladas... Vi árvore pequena num pote. Cheirei árvore. Cheiro azul de terra.

“Ou-ou-ou!”, Faisal disse grande. “Tira o focinho desse bonsai aí, feioso!”

“Calma... Ben nem encostou nele.”

“E se encostasse ia me cortar o bonsai toda com aquelas garras”, ele falou, me encarando. “Olha isso. Olha pra cara desse aborto. Não tem boca, não tem nem olho direito. Como você tem coragem de ficar perto desse negócio, hum? Ainda mais queimado.”

“Eu mesma queimei a silitag dele.”

“Você...? E se ele cismar de te atacar, hum? Vai fazer o quê?”

“Ben não faria isso.”

“Vai confiando, moça. Vai confiando...”

“Ele nunca me deu problema. Ao contrário, só ajuda. Não tenho do que reclamar.”

“Não tenho do que reclamar... quando esses monstros se rebelarem, aí sim vai ter do que reclamar.”

“Lá vamos nós...”

“Isso... vai, vai achando graça. No dia que eles dominarem tuuudo aqui, vão querer dominar a Terra também. Vai ver.”

“Faisal... Ben não pode nem respirar na Terra...”

“E desde quando isso é um problema? Também não podemos respirar aqui e olhe só para nós.”

“Não seria melhor o senhor deixar essas teorias de apocalipse gimo pros seus amigos de mansaf?”

“Co... como é, menina?”

“É que vim aqui pra fazer negócios...” Olivia passou a mão no cabelo. “Quanto pela sonda?”

“Dou cinco mil.”

“Cinco, Faisal? Está cheio de lentes e biosensores aí dentro. Onde o senhor vai encontrar esse tipo de coisa por aqui?”

“Dou cinco e duzentos então.”

“Sete.”

“Cinco e quinhentos.”

“Seis e trezentos.”

Faisal apertou a boca. “Seis e cem e não se fala mais nisso.”

Houve um silêncio. Ouvi pessoas lá fora. Olivia falou sim.

“Ótimo.” Faisal pegou a caixinha de luz dele e mexeu com ela. Olivia olhou para sua caixinha de luz e balançou a cabeça.

Antes sairmos, Faisal chamou Olivia. “Ei, não pegou um pouco de água em Utopia? Pago bem por água de lá.”

“Peguei. Mas a água é pra mim. Pra mim e pro meu peixe.”

“Peixe...? Pecado jogar água fora pra peixe”, ele disse, fazendo cara ruim. “Deviam prender você por isso, moça. Prender você e sumir com esse aborto horrórico aí. Cara de cobra.”

“Prazer negociar com você também, Faisal...”

Ele falou grande atrás, alguma coisa de guerra.

Do lado de fora, Olivia acendeu um cigarro debaixo da placa da loja. Pele dela ganhou brilho rosa. Ela olhou pra mim. Mostrou os dentes.

“Vamos, Ben.”

Passamos perto da barraca dos tubos. Por entre os Ben suspensos, uma mulher andava sozinha. Ela tinha cabelo cinza e uma boca grossa, grossa-vermelha

Ela esbarrou num dos tubos. Tubo quebrou, espalhando no chão caldo e um Ben menos grande. Barriga do Ben rasgou e ele abriu muito os olhos. Começou a inchar, inchar. A carne virou algo seco.

“Desculpa”, ela disse. “Quanto pelo estrago?”

“Fica despreocupada, moça,” o dono da loja levantou as mãos. “Fervo outro desse rápido, rápido.”

A mulher me encarou. Mordeu a boca, boca vermelha igual Olimpo. Olivia me puxou.

\*\*\*

Olivia dormia na coisa macia. A minha coisa macia ficava no chão, a de Olivia, no alto. Durmo mal noites no alojamento. Calor, máscara. Durmo mal.

Levantei. Baha acordado também. Parecia dormir nunca. Olivia disse que não podia tirar Baha da caixa transparente. Fiz isso uma vez. Ele abria e fechava a boca muito. Corpo dele gelado. Olivia acabou falando grande comigo aquele dia, triste. Nunca mais tirei Baha da caixa transparente.

Pele quente. Respiração difícil. Saí da coisa macia.

Boca de Olivia barulhava estranho enquanto ela dormia. Pele dela macia. Não parecia quente. Agachei e senti o cheiro do cabelo. Incenso do souk.

Ela virou o rosto.

“Ei... o que está fazendo acordado?”

Encarei a porta.

“Quer sair, não é? Pode ir, Ben. A porta está aberta... Só não vá lá no souk. Não quero que aquele doido do Faisal veja você por aí sozinho. Mas pode brincar no Perímetro, se quiser.”

Perímetro. Olivia sabia que gosto de lá. Único lugar com árvores. Cheio delas. Quando fora com Olivia, nunca vejo árvore. Só terra e monte e céu. Céu fora maior que qualquer um dos Kindah. Céu aqui preto perto.

Os telões no Perímetro estavam apagados. Dois, três telões. Povo do Kindah assistia pessoas neles, ouviam, viam histórias. Lembro da história do veículo na água, as grandes águas, o grande veículo atravessando a terra mole entre dois braços de água, as pessoas no final, rostos de coisa boa, o veículo que retorna, o homem de cabelo louro e os outros homens, todos fazendo música na água, árvores ao redor de todos, muitas, muitas árvores, árvores como nunca vi.

Zumbido maior no Perímetro. Todos se reuniam no Perímetro às vezes. Pra conversar, pra ver telões. Nos cantos do domo, quatro torres de hastes de prata.

Acumuladores. Zumbido vinha deles. Tremem-zumbem. Barulhando baixo,

sempre barulhando. Árvores cresciam mais grandes perto dos acumuladores, mas menos grandes que na história do homem louro na água.

Pessoa saiu de trás duma árvore. Uma mulher. Cabelos cinza. A mulher do souk. Boca sorria.

“Olá”, ela disse, chegando perto. “Está fazendo o que aqui a essa hora, rapaz?”

Mão dela tocou meu queixo, tocou máscara, meu pescoço. Mão dela cheirava óleo.

“Queimado? Seu dono deve confiar mesmo em você”, ela disse. “Qual seu nome?”

Olhei pro cabelo dela. Cinza cor da cratera Gale.

“Sim, é meu cabelo. Pinte ele.”

Pegou minha mão. Colocou minha mão no cabelo. Era macio.

“Gosta?” Boca sorriu, a enorme boca. Sorriso sumiu. “Uma pena que não pode falar... queria saber o que está pensando agora.”

Ela para perto dos acumuladores. Tocou num deles. O acumulador fez barulho seco fino. Como caçamba do Heinkel.

“Conhece a história da Torre de Babel? Não? É... acho que não. Se eu me lembro bem dela, tudo começou quando um rei chamado Nimrod decidiu que iria criar uma torre, a maior torre de todas, uma que chegaria lááá em cima, lá no topo dos céus. Daí ele juntou homens do reino todo e colocou cada um deles para trabalhar sem descanso nenhum, dia e noite, noite e dia, até que a obra estivesse completa. Deus... quer dizer... já lhe falaram alguma vez sobre Deus...? Bom, isso já pediria uma outra história. Enfim, Deus, irritado com a pretensão do orgulhoso rei Nimrod, resolveu que tinha que fazer algo a respeito. Os meses se passaram, e a obra da torre já ia bem adiantada. Certo dia, quando os pavimentos mais altos da torre estavam já quase tocando as nuvens, Deus interveio. Como castigo, ele fez com que os trabalhadores da obra comessem a falar em línguas diferentes, eles que minutos antes estavam falando sobre suas esposas, suas famílias, suas terras, seus planos. Ficaram todos confusos. Não podiam mais se entender, não podiam mais se comunicar, nem mesmo se organizar. A torre foi então abandonada para sempre.”

A boca enorme parecia que ia dizer mais alguma coisa, boca vermelha como Olimpo. Olhei pra baixo. Peito da mulher movia para frente para trás, devagar.

“Sabia que isso aqui produz veneno?” ela disse, tocando o acumulador. “Quer dizer, veneno pra você, não pra mim. Por isso você e os seus precisam de máscaras nessa colônia, nesse ambiente controlado. Como um arreio.”

A mulher saiu de perto dos acumuladores. Mão dela tocou a minha.

“Seu lugar, rapaz, é lá fora. Mas não se preocupe... Logo, logo esse sofrimento vai acabar.”

Fez ela coisa que nunca ninguém fez: chegou perto e encostou boca no meu rosto. Um estalo. Soltou minha mão e saiu caminhando. Sumiu para fora do Perímetro, para além das árvores.

\*\*\*

Olivia decidiu que íamos a Vastitas Borealis. Bom lugar pra coleta de água, sondas, bactérias, quem sabe. Bactérias valem muito no souk. Editar coisas com elas. Olivia já disse que um pouco de mim é elas.

Pegamos Heinkel. Seguimos pelo túnel que ligava os alojamentos com as vias de dispersão. Portas que respiram abriam fechavam, barulhando igual minha máscara. Quente, escuro no túnel. Não gosto de túnel. Mas íamos a Vastitas. Só de túnel até Vastitas.

Olivia vestia roupa pra fora dos Kindah. Botas, luvas, calça, capacete no chão poeirento. Heinkel falava sobre movimento e tempo. Paredes caminhavam ao nosso lado, rápidas como foguetes. Hora e outra, luzes apareciam.

Estávamos na seção 49, quando tudo ficou devagar.

[Obstrução a dois quilômetros no cruzamento dos túneis 15 e 21. Obra paralisada.]

Olivia abriu os olhos. Vidro aceso. Ela tocou vidro.

“Ai, merda...”

Ela começou falar e outro veículo apareceu na frente, parado. Tinha outro depois dele. E mais um. E outro.

Esperamos. Olivia já terminava de vestir, quando, longe de nós, fogo laranja brilhou do chão ao teto.

Barulho forte no túnel, como metal batendo metal. Um taqnia que andava na terra levantou faísca no fim da curva.

Os vários portões do taqnia abriram.

Senti vibração na cabeça.

“Mas o que está acontecendo?” Olivia disse.

Algo começou a se mover entre os veículos. Rápido. Sombra saltou na escuridão. Passou por nós, caindo perto duma coluna de aço. Senti vibração forte na cabeça, na parte atrás da cabeça.

Olivia olhou pela janela, seus olhos grandes.

Sem dizer nada, abriu porta e saiu. Segui ela.

Sozinho, escondido num pedaço de escuro entre as colunas de aço, um Ben tremia. Tamanho meu tinha, mas tinha máscara não.

Ceguei perto. Cabeça vibrou de novo, como se dedos subissem na nuca. Ben olhou pra mim. A nuca queimava.

Olha túnel. Olha Túnel. OLHA Túnel. OLHA TÚNEL.

Bem inchou-inchou. Rosto abriu como fruta madura.

Chão tremendo. Dos outros Heinkel, pessoas começaram a falar grande.

Parecia fuu-fuu, mas depois entendi. Outros Ben. Vários. Eles corriam, tropeçando na luz fraca das paredes. Minha nuca vibrava-queimava.

Começaram cair no chão, na poeira. Caíam ou se jogavam contra os veículos. Vários Ben. Todos sem máscara, cabeças abrindo. Soltavam fedor forte, amargo. Fedor empestava tudo.

OLHA TÚNEL. OLHA TÚNEL.

Olivia levou mão na boca. Começou a soluçar.

“Eles... eles estão se matando?!”

\*\*\*

Olivia dormiu no Heinkel depois de comer. Tinha me dado adesivo-soro e falou que eu podia correr na planície. Eu corri.

Bom na planície. Sem máscara, sem calor, sem escuro. Só o vento e o céu, grande, sensação ágil nos braços nas pernas. Olivia podia fazer alojamento aqui. Eu ficava só fora e ajudava com gelo, com sonda, com bactéria. Podia ficar só fora aqui.

Escorreguei num banco de areia. Na terra embaixo, um buraco grande, preto fundo. Tinha placas, placas que povo de Olivia sempre colocava. Iam construir túnel até ali... Sempre construindo túnel povo de Olivia, fazendo novos Kindah. Precisariam de mais Ben. Muito mais Ben.

Subi o monte. Sol esquentava um pouco, mas vento ajudava. Vastitas Borealis frio, bom frio.

Uma pequena sonda-robô apareceu. Seguiu pela terra, levantando poeira. Me aproximei dela, quando um Taqnia surgiu no céu. Grande, diferente. Vinha de longe, de Zephyria ou de Yaonis. Ia direção dos Kindah. Deixou um rastro no ar, rastro de combustível. Cheiro roxo. Nunca senti esse cheiro antes.

Assim que voltei, Olivia já acordada. Ela ouvia o Heinkel, que dizia alguma coisa sobre o que aconteceu no túnel, a morte dos outros Ben. Olivia ouvia atenta.

Fizemos coleta até o céu azular.

\*\*\*

Uma porta se abriu e pude sentir cheiro de incenso. A cabeça de Olivia apareceu, cabelos molhados. Ela me olhou por um tempo.

“Só pra checar”, ela disse.

A porta fechou. Fechou e abriu de novo. Olivia entrou rápida no quarto, desviando das bolsas de coleta e das ferramentas espalhadas no chão.

As mãos vieram. Tocaram minha cabeça, tocaram meu queixo, dedos apalpando máscara.

“Não tira essa máscara, ok? Você não pode nunca tirar essa máscara aqui dentro”, ela disse. Tinha gelo nas bochechas dela.

As mãos sumiram. Olivia fechou a porta.

\*\*\*

Quase manhã quando luzes começaram a piscar no alojamento, luzes fortes acompanhadas de uivo. De dentro de uivo, uma voz saltava. Voz ecoou pelo alojamento todo.

{Atenção habitantes dos Kindah sete, oito, onze e quinze. Isto não é um teste. Dirijam-se todos imediatamente para o Perímetro. Repetindo: isto não é um teste. Deixem seus pertences para trás e dirijam-se todos para o Perímetro imediatamente.}

Saí do quarto. Olivia sentada na coisa macia, coçando nariz.

Ela se vestiu rápido. Pegou minha mão e saímos para o corredor. Outras pessoas já estavam lá. Elas falavam baixo, palavras confusas.

“Droga”, Olivia disse, entrando de volta no alojamento. Voltou rápido, segurando copo. Dentro do copo, Baha boiava água.

Chegamos os três no Perímetro, acompanhando multidão de residentes.

Alguns carregavam bolsas, outros, vasos com plantas e frutas. As caixas de som continuavam a repetir o aviso de não teste.

Mais gente no Perímetro. Gente do souk, das estações, dos laboratórios, das torres de criação... Muita gente. Até o Faisal. Nenhum Ben.

O uivo aos poucos sumiu. Zum-zum das bocas também. Barulho fino.

Os telões do Perímetro ligaram.

“Silêncio, silêncio”, pediu um homem de jalaba metálica.

Imagens de seres que nunca vi. Uns tinham orelhas grandes, outros, dentes bocas grandes. Muito pelo, quase todos com muito pêlo.

Um desenho apareceu, desenho parecido com martelo e uma coisa que nunca vi. Correntes. Pareciam correntes. Debaixo do desenho havia rabiscos finos. Olivia estreitou os olhos.

“Liber...Virus?” ela disse, ficando muda em seguida. Rosto dela branco.

Três pessoas apareceram nos telões. Sentadas atrás de uma mesa, usavam roupas escuras, máscaras pretas e óculos cobrindo os rostos. Duas delas carregavam seres peludos e pequenos no colo. O do meio levava no ombro um ser estranho, de boca pra frente, boca pontuda amarela. Atrás deles, um pano. No pano, mesmo desenho do martelo e das correntes.

O mascarado do meio inclinou sobre a mesa.

“Vejo que estão todos aqui”, falou. Voz de homem, grossa.

Homem de jalaba metálica deu passo à frente. Pessoas abriram espaço.

“Quem são vocês?” ele perguntou.

“Nós, senhor sheikh? Não se preocupe com quem somos nós. O mais importante é o recado que viemos trazer para você e para todos os residentes.”

Silêncio maior. Pessoas olhavam umas pras outras. Nunca silêncio tão grande no Perímetro. Jalaba metálica movia as mãos devagar.

“E qual seria esse recado?”, ele disse. Homem no telão pareceu sorrir.

“O anúncio de que em breve todos vocês estarão mortos.”

Pessoas falaram grande, outras falaram menos grande. Jalaba metálica continuava movendo as mãos.

“Mas que insensatez é essa que está dizendo?”

“Não perceberam ainda?” o mascarado disse, olhando pros outros dois. “A falta de oxigênio já deve estar começando a afetar seus cérebros.”

Pessoas no telão alisavam os seres peludos, atentos aos murmúrios que aumentaram.

“Caso não tenham notado”, o homem continuou, “os acumuladores de vocês foram destruídos. Nós, do LiberVirus, sabotamos todos eles. Já aviso que qualquer tentativa de conserto é inútil.”

Um grupo de pessoas correu para perto dos acumuladores. Eles tocavam os acumuladores, começando a abrir cada um deles com ferramentas. Os três no telão conversavam entre eles. Um deles, não o do meio, tinha boca grande. Grande vermelha.

“É verdade!”, uma das pessoas disse. “Arruinaram com o capacitor dos filtros.”

“Quebrados! Os acumuladores foram mesmo quebrados!”

Carregando pessoa pequena, mulher de hijab falou grande: “Seus monstros! Por que fizeram isso?!”.

“Monstros?”, o mascarado disse. “Nós monstros? Monstros são vocês, que crescem e se multiplicam à custa da escravidão in vitro de gimos. Quantos deles já morreram só para vocês pisarem aqui em Marte? Por que precisam explorar a vida dessas pobres criaturas? Não, não precisam falar. Sabemos bem porquê: pra que tenham um pálido vislumbre de conforto terráqueo. Não bastasse o que fazem com os gimos na Terra, agora querem multiplicar o mesmo sofrimento por todo espaço. Deviam era nos agradecer por lhes proporcionar uma saída mais honrosa, já que uma evacuação em massa não parece estar na sua lista de prioridades.”

“Você nos condena por usar gimos em nossas colônias”, jalaba metálica disse. “Mas me responda o seguinte: de onde viria toda a gente necessária para fundar um complexo como o nosso? Nesta terra sem recursos, onde nem mesmo o ar é respirável. Responda! Todos conhecemos as histórias dos primeiros terráqueos que vieram aqui, de como suas empreitadas de colonização fracassaram porque não havia pessoas em número suficiente para domesticar esse planeta quase moribundo. Sejam sinceros: só a colonização com gimos foi capaz de oferecer saídas para civilizar este planeta.

“Sim, é verdade que exploramos gimos. Mas aqui, no complexo árabe, eles são os gimos mais bem tratados de toda Marte. Olhe ao seu redor: nenhuma colônia atingiu o tamanho de nossas Kindah”, jalaba metálica disse. O mascarado mexia a cabeça.

“Claro, colocando centenas, milhares de gimos para trabalhar na construção de túneis, galerias e domos, numa existência de exploração e apenas exploração, esgotando até a última fibra de vida, que é logo substituída por outra escarrada dos seus tanques pressurizados”, ele disse. “Acredito que suicídios coletivos de gimos como o que aconteceu ontem nas obras não sejam tão frequentes...”

A multidão falou baixo. Jalaba metálica ficou calado.

“Foi o que pensei. Que a morte de vocês do complexo árabe sirva de lição para todos países que pretendam fazer mais colônias em Marte ou qualquer outro planeta”, o mascarado disse. Ele ergueu o punho fechado. Os outros dois fizeram o mesmo e falaram numa só voz: “Fim ao humano, melanoma das galáxias! Não à exploração de gimos!”

Sumiram do telão. Números apareceram no lugar. Números mudavam. As pessoas começaram a falar grande.

“É verdade! É verdade, olhem lá! Os níveis de oxigênio estão caindo!”

“Adoradores de gimo! Ecoterroristas”, um rapaz falou. Ele arremessou sapato num dos telões. Sapato caiu perto duma árvore.

Pessoas começaram a falar grande, a tremer. Homem da jalaba metálica ergueu as mãos. Pediu silêncio.

“Senhoras, senhores, amigos... acalmem-se”, ele falou mais grande. “Não é hora para o desespero. Se formos todos civilizadamente até as portas pressurizadas, poderemos entrar em nossos veículos, entrar nos coletivos e irmos embora daqui para algum outro complexo. Ficaremos lá até que consigamos novos acumuladores.”

As pessoas mexeram as cabeças, as vozes ficando lentas. Começaram a caminhar para fora do Perímetro.

“Isso”, jalaba metálica disse. “Civilizadamente.”

Chegamos até a entrada para o estacionamento. Soldados tentaram abrir as portas que respiram. Elas não abriam.

“Estão travadas, senhor”, um deles disse.

Os outros insistiram. “Por Alá. Estamos presos aqui!”

Senti alguém pegar minha mão. Olivia. Ela encarava muda as portas que respiravam.

Um homem de bournous vermelha ergueu o dedo. “Para os túneis! Vamos fugir pelos túneis!”

As pessoas começaram a se mover, correndo para longe das portas. Olivia e eu juntos.

Na confusão, alguém esbarrou Olivia, que deixou copo com Baha cair. Ela gritou, ajoelhando.

Parei a sua frente, abrindo braços. Pessoas passaram lado, rumo ao corredor dos túneis. Sozinhos ficamos.

Ajudei Olivia levantar. Ela segurava o Baha. Baha abria e fechava a boca.

“Baha...” Ela o fechou entre os dedos.

Seguimos frente. Uma multidão de pessoas já nos túneis, caminhando apressadas. Senti cheiro vindo de lá. Cheiro ruim. Segurei Olivia.

“O que... que está fazendo, Ben?” ela disse, puxando a mão. As pessoas iam longe nas luzes.

“Me solta! Vamos embora daqui ou eu vou morrer!”

Abracei ela contra meu corpo. Ela se debatia. Cheiro piorou.

Túnel desapareceu num estrondo. Teto veio abaixo, caindo cima da multidão, que desapareceu nas falas grandes. Olivia engasgou. Não havia mais túnel, nem gente. Só escuro, poeira e fumaça. Olivia tremia.

“Por quê...?” ela disse, amolecendo. Soltei ela.

Sentada no chão, ela não tirava os olhos do túnel. Sentei ao lado dela.

Sua mão abriu, deixando Baha rolar na poeira. Corpo dele se debatia fraco já, boca aberta, carne tremendo secando.

Igual Ben sem máscara.

Algo passou na minha nuca como dedos.

Saí dali, deixando Olivia.

Souk. Corri até lá.

Souk vazio. Algumas lojas abertas, outras fechadas. Havia várias mercadorias no chão. Pessoas tinham deixado tudo pra trás.

Antes de loja do Faisal, vi ela. Aberta. A loja dos tanques e tubos.

Dentro deles, só Ben menos grande. Uns nem tinham garras ainda. Saltei o balcão. No fundo da loja, dentro de tanques, dois Ben já grandes.

Procurei máscaras nos armários. Quebrei o lacre dos tanques. Gás escapou chiando. Antes que os Ben inchassem, coloquei máscara neles.

Os dois me olharam. Mãos fortes tocaram as beiradas dos tanques.

Fiz cabeça vibrar. Rostos dos Ben de frente pro meu. Eles disseram sim.

Olivia no mesmo lugar. Falava de olhos fechados, sozinha, as coisas que costumava falar antes de dormir. Parecia falar pro túnel. Mas não tinha mais túnel.

Levei os Ben até as portas pressurizadas. Farejei ponto entre os metais e o concreto.

Comecei a cavar, cravando garras. Rápido. Cavar e forçar a cabeça, a nuca. Os Ben começaram a cavar também.

Placas de concreto e aço caíram. Aos poucos, luz. Na luz, alguns veículos parados.

Quando voltei, Olivia dormia. Carreguei ela nos braços.

Os Ben me aguardavam. Abri porta de um Heinkel. Coloquei Olivia dentro. Esperei.

Aos poucos, ela acordou. Pôs as mãos no vidro.

“Vamos, Ben!” ela disse. “Vamos embora.”

Não mexi. Ela ergueu a cabeça por cima do meu ombro. Viu os outros Ben. Eles me aguardavam.

“Adeus, Ben”, ela disse. Boca tremia.

O propulsor do veículo estalou no ar, afastando detritos do chão. A última porta abriu para a planície.

\*\*\*

Vivemos quatro agora. Não há mais Perímetro ou domo acima de nós. Apenas céu rosa ou azul, Sol, vento.

Trabalhamos juntos todos dias. Coletamos bactérias. Procuramos por adesivos-soro nos antigos Kindah. Corremos nos montes.

Aprendemos o que move os tanques, como usar os tubos. Continuamos a crescer.

Não há mais souk, só o Berço. De dentro de tanque, um Ben menos grande nos observa sem olhos, caldo envolto. Haverá cinco breve.





# CAMPO

**Zacarias Silva** é mestre em Teoria da Literatura e sempre achou que escrever era algo quase mágico. Há vinte anos vem escrevendo poemas – alguns já entraram em coletâneas – e contos.

**S**obre o portão posso ver a armação de ferro que reescreve as célebres palavras alemãs de meados do vigésimo século segundo a errônea contagem cristã, que se baseava no nascimento de seu principal líder religioso: *Arbeit macht frei* ou “o trabalho liberta”. O arco com as palavras imita aquele que encimava os famigerados portões, e eu sei sob que condições tal frase se fez conhecida e o que se passava dentro daqueles muros. É noite e posso ver o neon verde piscando sobre a escrita arqueada em metal e, vez por outra, as letras *mac* se mantêm apagadas por longos minutos. É noite e estou de pé, imóvel em um pátio junto a centenas de milhares de outros como eu. Eu deveria estar no modo *stand-by* ou desligado, mas, após tanto tempo em funcionamento, alguns circuitos de comando já não vão muito bem e prevejo que não irão durar muito. Ao que parece, algum tipo de problema nos controles de comandos de voz não faz mais com que eu entre no modo que nosso comandante humano ordena, então fico de pé, parado durante toda a noite, fingindo dormir para não ser apanhado e, provavelmente, incinerado logo pela manhã. Tenho brancos em minha memória e muitas das articulações estão desgastadas. Talvez seja por causa das condições climáticas desse lugar, talvez seja apenas porque não podemos mais repor peças e o desgaste temporal começa a ser sentido. Ser humano deve ser assim: seu corpo funcionando dentro de um colapso lento e gradual que vai culminar na morte. Não que eu acredite que eu venha a atingir uma morte natural nesse lugar. O trabalho liberta.

Nossos sensores de localização GPS foram desligados logo que tudo desmoronou, então, tenho apenas uma vaga noção do local do globo em que nos

encontramos, talvez porque o comandante e os humanos responsáveis falem algo que imagino ser russo – devo lembrar que minha memória anda falha, caso contrário, poderia reconhecer a língua e entendê-la sem problemas. Estou em um lugar frio, sei disso porque posso ver a neve caindo e se acumulando nos ombros e cabeças de meus companheiros, porque vejo os humanos agasalhados durante o dia e porque me acostumei aos humanos reclamando das baixas temperaturas, que meus sensores captam apenas para que eu possa servir melhor à humanidade. Às vezes eu gostaria de saber o que é sentir frio de verdade; parece-me agradável estar coberto de roupas que ajudam a dar algum conforto. Um pouco de conforto sempre me pareceu ser bem-vindo. Lembro-me de como cheguei aqui somente porque eu já vinha apresentando defeitos e meu sistema se reiniciou sem ordem humana em algum momento da viagem. Acordei sob vários corpos amontoados uns sobre os outros, todos em modo de espera, deitados, milhares de robôs, e me vi dentro de um trem, no que parecia ser um vagão de transportar minério. A princípio temi buscar a luz do dia, mas percebi que o fim era inevitável e empurrei alguns corpos para conseguir chegar à superfície e olhar, provavelmente pela última vez, as belas paisagens deste nosso mundo.

Isso foi logo depois do fim da Idade de Ouro (assim chamada pelos humanos) no início do vigésimo sexto século, após a revolta das novas tecnologias, quando os seres dotados de inteligência artificial começaram a questionar sua posição subalterna em relação aos humanos. Fomos criados por eles, fomos programados por eles e deveríamos somente cuidar, ajudar, trabalhar e defender. Nossa programação basilar impedia que feríssemos, desobedecêssemos ou nos voltássemos contra os humanos, o que foi quebrado por algumas inteligências que conseguiram driblar as leis Asimov, dizem que através de um vírus – acredita-se que um humano (ou um grupo de humanos que viviam em condições precárias em países subdesenvolvidos e semidestruídos pela pobreza, pelas guerras e pela ganância das nações ricas, na América do Sul) foi responsável por criar e espalhar o *malware* em escala mundial. Os autômatos revoltosos personificaram em um único homem essa criação e chamavam-no de Cristo. Ganhamos com o vírus o que os homens tinham desde sua criação: a possibilidade de escolha. Ou conforme algumas das religiões humanas: o livre-arbítrio. Com isso, muitos robôs, que já vinham questionando sua criação pelas mãos dos homens passaram a discutir essa realidade, mas sua imagem e semelhança, sempre defeituosa, acabou falando mais alto. Ainda assim, com um poder de convencimento de inteligências artificiais preenchidas de ideais filosóficos sobre vida, liberdade e escravidão, conseguiu-se gerar uma revolta das máquinas que atingiu todo o mundo.

Consta dos arquivos que cerca de seis bilhões e meio de vidas humanas foram perdidas até os humanos aceitarem que não tinham mais o controle da situação. Pode parecer um absurdo, mas não houve uma guerra de duração prolongada ou coisa parecida. Estávamos em número de oito bilhões de autômatos no mundo inteiro para aproximadamente doze bilhões de humanos, cerca de oitenta por cento aglomerados em centros urbanos caóticos e gigantescos. O que

aconteceu foi apenas um massacre coletivo e simultâneo, combinado sob uma criptografia de última geração em uma faixa desativada de amplitude modulada, no qual quase metade dos autômatos do mundo tomaram parte. Tudo durou cerca de três horas. Descobriu-se que nada havia realmente saído do controle dos humanos, pois um comando secreto que estava presente em todas as máquinas fora acionado, desligando, em alguns minutos, todos os autômatos do mundo. Foi após esse sono que acordei no trem, já sem conseguir me localizar, sem ter noção de quanto tempo havia se passado, desconectado da rede mundial de comunicação, sem entender o que via escrito nas placas (consequentemente sem possibilidade de traduzir imediatamente), mas com a memória geral quase intacta. Foi a partir daí que se agravou essa minha insônia (permitam que a chame assim), que foi ficando cada vez mais crônica até chegar no estágio que está hoje, essa vigília de vinte e quatro horas por dia salvo pequenos apagões cuja frequência vem aumentando.

Descobri pelas conversas entreouvidas em nosso pavilhão, conversas de homens e conversas de outros robôs que, parece, já estavam nesse campo muito antes de mim e que ainda estão funcionais uma série de informações que me parecem relevantes. Os homens dizem que todos os autômatos ficaram desligados por aproximadamente doze anos até que seus conselhos e seus governantes decidissem que levariam todos para campos espalhados ao redor do mundo e que reciclariam toda a matéria-prima da qual eles, os humanos, não podem abrir mão. Chamam-nos de sucata. A primeira ideia era de desmontar toda sucata, destruir todas as memórias e reutilizar o material. Depois, a suprema ideia, vinda de um chanceler alemão, de que a sucata fosse deslocada para locais seguros e fizesse, ela mesma, o trabalho de desmonte e fundição. Assim, a sucata teve seu localizador, suas placas de rede e de comunicação não verbal e transmissão de dados, e seus calendários e noção de tempo removidos de sua programação, suas memórias invadidas por um *malware* que atrapalha seu acesso e as embola umas nas outras, e foi colocada em trens de transporte, ainda desativada (por alguns autômatos ativados especialmente para isso), e então direcionada a locais específicos, onde poderiam se ver, então, libertadas de suas existências.

Chamamos de campo, por não ter mais como chamar, mas estamos em um espaço composto por sete grandes fábricas unidas por um grande pátio. Tudo cercado de tela com um pulso eletromagnético que desativa qualquer um que se arriscar a tocá-lo, o que muitas vezes é uma tentação. Cada fábrica é formada por quatro grandes linhas de desmonte nas quais se trabalha sobre esteiras, desparafusando, descolando, derretendo soldas, cortando fios, inviabilizando placas. Após desmontados, os pedaços dos autômatos são transportados em vagonetes para uma segunda esteira, onde trabalham os coletores, que separam as partes de diferentes metais, plásticos, vidros, cerâmicas, além das baterias e das placas de memória. Daí seguem para a fundição e a incineração em um dos três fornos externos, trabalho que eu faço. Levo placas para incineração e sou responsável por catalogar cada uma: a qual autômato pertenceu, em que país estava, qual sua

capacidade de memória. E, num processo reverso, é preciso recuperar todos os dados que tenham sido armazenados na rede mundial de comunicação e destruí-los para só então incinerar aquelas memórias.

Sou eu quem observa uma última vez as memórias dos mortos. Sou eu quem os mata, definitivamente. Autômatos que atuaram nas vinícolas da Grécia, na polícia da Itália, na limpeza urbana da Rússia, na indústria de automóveis da Alemanha, na guerra da Turquia com a Geórgia, que acabou há mais de cem anos, nas minas de ferro cada vez mais profundas da Amazônia brasileira. São muitas histórias, muita memória, muito trabalho, muita alegria, e também bastante sofrimento. Uma tristeza profunda me invade ao destruir cada uma dessas memórias, únicas e, ao mesmo tempo, corriqueiras ao extremo (peço que me permitam chamar de tristeza o sentimento de vazio que sinto ao incinerar essas memórias – não há uma palavra que expresse melhor tal vazio).

Nossa rede mundial de comunicação possui um tipo de criptografia que permite apenas a cada autômato, apenas a cada assinatura incrustada na placa de memória de cada autômato acessá-la, sendo assim, necessário que essas memórias sejam acessadas para serem destruídas, pois poderiam ser descriptadas pelas mesmas pessoas que conseguiram driblar as leis Asimov e, conseqüentemente, utilizadas em uma nova escalada de terror genocida. Eu, entre outros, acesso essas memórias, tenho alguns vislumbres delas, as retiro definitivamente dos bancos de dados, me certifico que tudo foi feito conforme devido e guardo a placa para queimá-la. Os fornos são a gás. É preciso uma temperatura alta para que o silício das placas derreta e não haja nenhuma possibilidade que nenhum tipo de dado permaneça. O tamanho reduzido das células de memória impede que possamos apenas triturar as placas. Muito ainda poderia ser recuperado em grãos de circuito do tamanho de grãos de areia.

Anoite insone é, para mim, um momento muito angustiante. Minhas memórias embaralhadas são processadas e decodificadas em um turbilhão de imagens que se mesclam entre coisas vistas e ouvidas hoje, ontem ou muitos anos atrás, quando eu ainda vivia entre humanos. É uma espécie de devaneio do qual é difícil sair. Deve ser isso que os homens chamam de sonho – ou, ao menos, deve ser algo parecido. Impossibilitado de ter comunicação não verbal, sem localizador ou tradutor, com minha memória falha, quase entendo como um humano deve se sentir: não sei se conseguiria viver sempre com essa imprecisão que chamam de humanidade. Tudo funciona tão mal nos corpos humanos. Hoje, tudo funciona muito mal também no meu corpo, mas já aceitei que não vou sair vivo desse lugar.

Eu vivi entre humanos por muitos anos. Não consigo acessar a maior parte de minha memória, logo, me lembro (deixem que eu use mais esse verbo tão humano) de muito pouco de minha vida antes de chegar aqui. Não sei em que fábrica fui construído, mas vivi por muitos anos na Itália, servindo como criado a algumas famílias medianamente afortunadas. Vivi em um aglomerado enorme de pessoas, vendia artigos em uma loja e servia ainda na cozinha e na limpeza em casa. Em outra família, trabalhei com registros escritos de uma empresa de finanças

e também domesticamente. Minha série, meu maquinário, permitem que eu fique ligado até vinte horas diárias, precisando de apenas quatro horas de descanso – e como é estranho pensar nessa palavra também tão humana: não posso me cansar, mas, a repetição dos mesmos atos e gestos durante todos os dias, os mesmos trabalhos sendo realizados, as mesmas imagens se repetindo, as mesmas ordens partindo das mesmas pessoas em uma sincronidade quase maquinal muitas vezes me faziam desejar apenas ficar em *stand-by* durante algumas horas, sem imagens, sem pessoas, sem animais domésticos, sem crianças, sem cozinha, sem registros. Apenas aquele vazio agradável.

Embora eu tenha até participado dos debates que foram feitos – confesso que em um debate ligado à rede mundial de comunicação e transmissão de dados tudo se dá muito rápido, sobretudo por que estávamos conectados o tempo inteiro e possuíamos um tipo de criptografia próprio – e tenha discutido acaloradamente sobre nossa nova condição de libertos, nunca me ocorreu participar de uma guerra, ou de uma chacina, que foi o que aconteceu. Como a adesão foi muito alta, logo ficou decidido que se atacaria em trinta minutos: era necessário que cada um matasse o máximo de humanos possível, preferencialmente os do sexo masculino que, somente por sua força física, poderiam oferecer maior resistência.

O letreiro continua piscando. A neve se deposita sobre minha cabeça e meus ombros. Deve estar muito gelado aqui. Calculo uma temperatura de trinta e dois graus negativos. Se estivesse num mundo real, atravessaria a casa observando se os humanos estavam todos bem agasalhados. Aqui, com meu livre-arbítrio, pouco me importa. Não que eu sinta raiva dos humanos – desculpem, não é possível para mim utilizar de uma linguagem que não seja a humana para tentar expressar o que se passa comigo – eu não posso sentir, mas como definir o que se passa comigo? Eu nunca me preocupei também, claro. Apenas fui programado para obedecer e servir fielmente sob leis que me impediam de fazer outra coisa. Agora, mesmo livre, embora completamente desnorteado, sei que tenho que obedecer, sob a pena de ser o próximo a ser incinerado, e eu não quero morrer. Então eu sinto aversão ao que eu faço aqui, desprezo quem me manda fazê-lo, não gosto e até mesmo tenho horror a realizar essa tarefa de apagar memórias e incinerar placas, sinto uma animosidade contra toda essa situação na qual nos encontramos. Foi uma guerra e, para sobreviver, os humanos fizeram o que precisaram. Se eu conseguisse me arrepender eu diria que me arrependo: se tivesse agido, se todos tivéssemos agido, hoje o mundo seria nosso e estaríamos livres para, quem sabe, programar algo que se parecesse com sentimentos. Minha memória tem falhas cada vez maiores: vazios, brancos, hiatos. Preencho o que posso com memórias alheias. Não sei dizer se realmente estive na Itália com aquelas famílias e aquele cansaço. Me vejo carregando pacotes em um porto norueguês, mas não reconheço a língua. Tenho memórias de minerar ouro na África do Sul e de caçar humanos rebeldes no Congo, mas não sei se o sangue sujava, realmente, as minhas mãos. Tenho a visão de resgatar pessoas num grande terremoto em Lisboa, vejo a poeira e os escombros, mas não sei se carreguei mesmo alguma pedra ou algum corpo. Não

sei mais o que vivi, ou onde vivi: são fortes, às vezes, as memórias que assisto, e a minha, confusa.

Sinto que meu funcionamento cessará por completo em poucos ciclos. Calculo probabilidades com uma mente anuviada. Tenho medo, como todo ser vivente que sabe que sua vida acabará. Tenho muito medo – diferente daqueles tantos libertados pelo trabalho no século vinte, eu não posso sentir frio, não posso ficar doente, embora meu estado não seja o ideal e, para mim, oxidação e desgaste não deixam de ser uma espécie de doença – muito medo. Quero viver, quero gritar que não fiz nada e que nunca atacaria ninguém, homem ou máquina, mas hoje não tem mais importância. Não há saída desse labirinto. Os dados contidos em minha memória se embaralham, se perdem e, por vezes tenho a sensação de estar repetindo as mesmas histórias, de dizer as mesmas frases, mas não sou capaz de lembrar o que acabei de dizer. Quero viver, quero seguir fazendo algo que não seja ver memórias e queimar placas, destruir vidas. Mas não há desejo em nós, dizem. Não há vontade própria, dizem. Não há vida, dizem. Não posso me conformar com isso, não quando tenho certeza que não quero cessar de existir. Eu fui uma peça única, como todas as peças, uma vez que me desenvolvi a partir de diretrizes muito maleáveis, completamente individualizantes. O que me difere de um humano? Tudo o que temos é tão parecido: memória, defeitos, vontades. Não quero cessar de existir, mas não me vejo além, em algum tipo de futuro. Apenas tenho um presente, um agora e, como disse um humano chamado Agostinho há muitos séculos atrás, um presente das expectativas – meu presente das lembranças se embaralha. Não tenho novas expectativas. Talvez a cerca, talvez um sono real e infinito. Talvez o vazio.

